

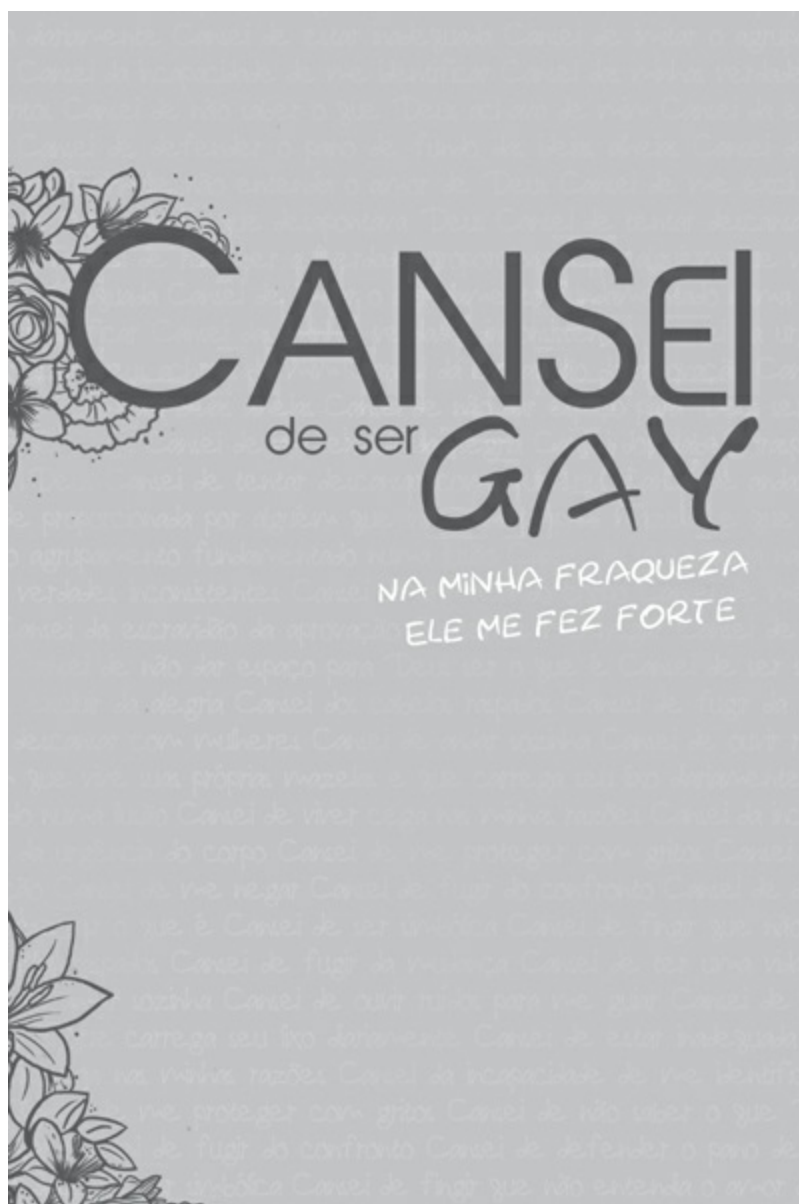
CANSEI de ser GAY

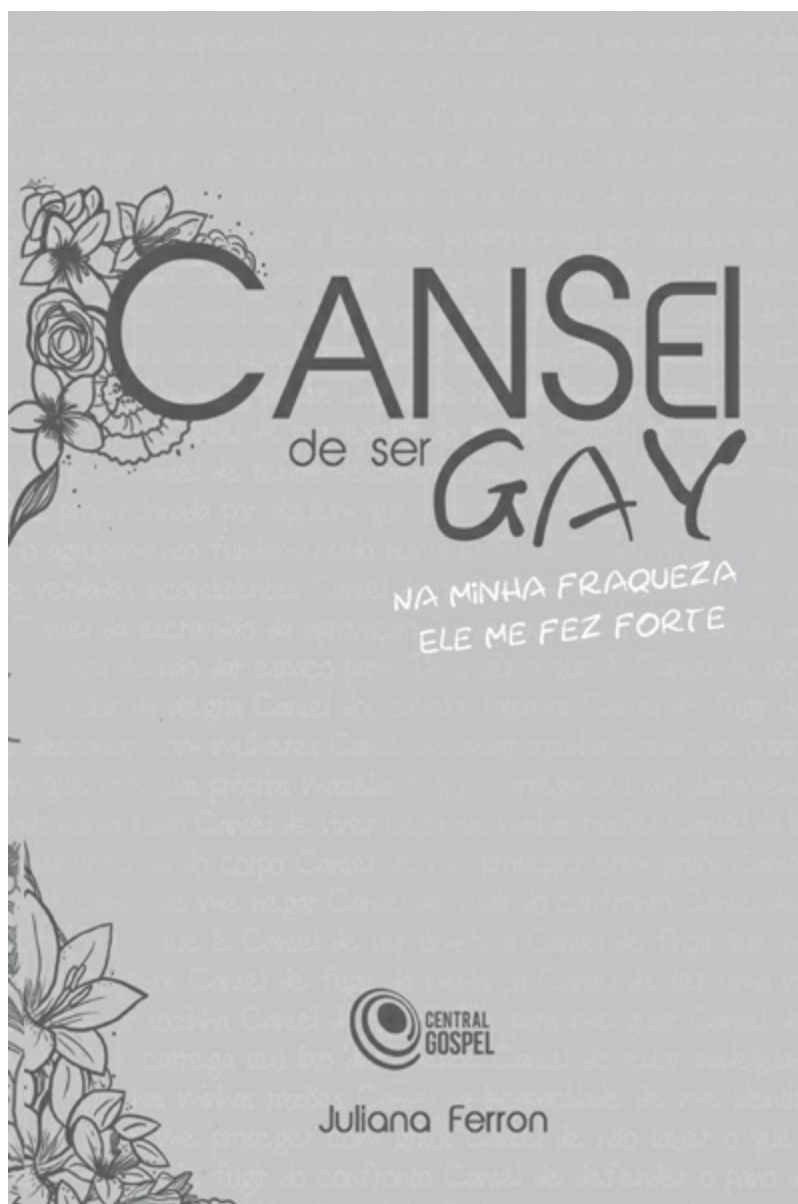
NA MINHA FRAQUEZA
ELE ME FEZ FORTE

Juliana Ferron









COORDENAÇÃO DE E-BOOK

Elba Alencar

Diretora Executiva

Flávia Andrade

Gerente de Marketing

Renata Gonçalves

Fernando de Lima

Marketing

GERÊNCIA EDITORIAL E DE PRODUÇÃO

Gilmar Chaves

GERÊNCIA DE PROJETOS ESPECIAIS

Jefferson Magno Costa

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Michelle Candida Caetano

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO E DESIGN

Regina Coeli

REVISÃO

Patrícia Calhau

CAPA, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Raquel Frazão

CONVERSÃO E-BOOK:

Brazil Deluxe Ltda



Copyright © 2016 por Editora Central Gospel

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Autor: FERRON, Juliana

Título: *Cansei de ser gay: na minha fraqueza, Ele me fez forte*

Rio de Janeiro: 2016

120 páginas

ISBN: 978-857-6895-206

1. Testemunho – Vida Cristã I. Título II.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do texto deste livro por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos etc.), a não ser em citações breves, com indicação da fonte bibliográfica.

As citações bíblicas utilizadas neste livro foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida (ARC), Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação específica, e visam incentivar a leitura das Sagradas Escrituras.

Este livro está de acordo com as mudanças propostas pelo novo Acordo Ortográfico, em vigor desde janeiro de 2009.

2016

Editora Central Gospel Ltda

Estrada do Guerenguê, 1851 – Taquara

Cep: 22.713-001

Rio de Janeiro – RJ

TEL: (21) 2187-7000

www.editoracentralgospel.com

Sumário

Apresentação

Capítulo 1 – A descoberta

Capítulo 2 – Os distraídos não se atraem

Capítulo 3 – Para disfarçar a falta

Capítulo 4 – O que você me desperta?

Capítulo 5 – Cansey

Capítulo 6 – Por qual porta entrei? Deve haver uma saída...

Capítulo 7 – Meu orgulho

Capítulo 8 – Da rejeição à autorrejeição

Capítulo 9 – Um amor que não quer me levar pra cama

Capítulo 10 – A oportunidade de crer e a liberdade de não crer

Capítulo 11 – Ele venceu. Ele sempre vence

Capítulo 12 – Ilusões de uma vida alienada

Capítulo 13 – Experimente

Apresentação

Neste livro, expus meu coração para mostrar como ele é. A história é sobre mim, minhas memórias e meu ponto de vista. Não tenho a intenção de descrever qualquer coadjuvante. Alguns, quem sabe, nem existam de fato, a não ser a dor promovida por eles. Então, imprimi à narrativa as devidas alterações e distorções, e esforcei-me ao máximo para não revelar a identidade das pessoas e para me desnudar.

Não tenho sob nenhuma hipótese a ideia de agradar; ao contrário, a ideia é justamente causar no leitor o que causou em mim: inquietação. Mas não se preocupe, pois a inquietação é um bom sinal. Tenho a missão, que me foi dada pelo dono das letras e das palavras, de escrever o que me ocorreu para, de alguma forma, suscitar a reflexão em alguns.

Capítulo 1

A descoberta

Era uma vez... eu tinha 18 anos, tempo de festas, de amigos, de viagens, e mais viagens; aliás, todo tipo de viagem era bem-vindo. O namoro ia bem, ele era um cara legal e de boa família, um rapaz com princípios e sonhos e um futuro promissor. Com certeza seria um ótimo marido e um bom pai.

Seu romantismo me surpreendia, seu afeto traduzido em papel de carta me encantava. Suas manifestações de amor tocavam profundamente minha alma confusa e insatisfeita. Suas cartinhas de amor eram tão lindas que me constrangiam e me instigavam a ser romântica também. Mal sabia ele que seu amor rabiscado ficaria à vista dos meus olhos para sempre. Emoções à flor da pele e sem precisar de esforço ou imaginação, sabíamos bem demonstrar nosso afeto. Investíamos em surpresas, gestos carinhosos, tempo de qualidade quando estávamos juntos. Passaram-se quase dois anos de um lindo romance que envolvia cinema, curtidão e descobertas. Antes que você comece a imaginar noites de sexo, saiba que, curiosamente, nós nos guardávamos para o tão esperado dia do “sim”.

Acho que minha família se agradava dele. Afinal, era um jovem de boa família. Não me lembro de me importar com a opinião da minha família, mas com certeza ele era melhor do que aquilo que estaria por vir.

A família do moço era bem estruturada, característica que eu propriamente desconhecia. Uma família em que o pai era presente, a mãe era dona de casa e tinha dois filhos amáveis, cada um “no seu quadrado”, exercendo o papel que lhes era devido. A mãe era uma senhora muito amável e prestativa, sempre tentando me agradar. Havia também a irmã mais nova e mais tímida, a qual eu não fazia esforço algum para conquistar.

Eu estava inserida na família e pronta para ser a nova integrante. Tínhamos tudo em comum. Ou quase tudo.

Conforme o namoro progredia, crescia dentro de mim uma enorme interrogação. Eu passava horas consumida por pensamentos inconstantes sobre o relacionamento, sobre o que era o amor, sobre minha vida, sobre o que eu queria, sobre os meus desejos e, principalmente, me perguntando se ainda queria aquele rapaz de olhos verdes na minha vida. Cada parte de mim queria uma coisa, e cada possibilidade que eu pensava me causava medo. Minha mente estava perturbada. Eu me encontrava numa fase confusa e pensativa, mesmo sem motivos aparentes. Não conseguia achar uma desculpa para não querê-lo mais. Isso era impossível! Ele era perfeito para mim, era perfeito para qualquer mulher.

Em um belo dia de extrema coragem, eu e minha inseparável instabilidade decidimos terminar tudo. Isso mesmo: nós duas decidimos dar um fim àquele romance sem graça, sem-sal, sem cor, sem aventuras, sem novidades. Mulher é assim: quando não quer mais, encontra justificativas nunca antes mencionadas. Dormimos apaixonadas e acordamos de malas prontas.

O término foi ruim, triste e revoltante para o rapaz e sua mãe, que me ligou para informar que ele estava deprimido e não saía mais de casa. Sem o meu amor, restou-lhe a indignância. Que crueldade.

Não vivi o desconforto. Abri as portas do mundo e gritei a independência. Era uma partida sem retorno. No dia seguinte, já estava rodeada de amigos e cheia de expectativas para o final de semana. Entre as pessoas que havia abandonado durante o namoro e com as quais voltei a sair estava Johnny, minha melhor amiga.

Ela era linda, inteligente, interessante, tinha todos os homens a seus pés e as mulheres também. Nós nos conhecíamos há anos, éramos amigas e confidentes. Quando íamos a festas, se nos interessássemos por rapazes, não brigávamos por causa disso, pois ela antecipadamente escolhia o que havia chamado sua atenção e dirigia-se a ele, deixando as demais interessadas para trás. Eu, então, escolhia entre as opções restantes. Éramos uma bela dupla que não competia nesse sentido. Quando Johnny não viajava a trabalho,

estávamos sempre juntas nas festas e nos bares da cidade.

Enquanto isso, o lindo moço de olhos verdes teve de buscar consolo nos ombros da mãe, pois os meus estavam consolando outros rapazes. Não eram muitas as requisições, mas, enfim, meu ombro estava ocupado.

Eu adorava ver Johnny dançar. Era sua fã, mesmo que ela não soubesse disso. Sua família, diferente da do meu ex-namorado, era muito triste. Doía ver o trato que a mãe tinha com ela. A falta de recursos era evidente, bem como a falta de harmonia manifesta em atos e palavras grosseiras da mãe de Johnny. As atitudes dela para com a filha só poderiam ter uma explicação: ausência total de amor. Como eu não pertencia à família, não falava nada a respeito para não ser atingida também.

A mãe de Jonhy me tratava muito bem, elogiava-me e paparicava, depois se voltava para a filha e vomitava um arsenal de palavrões e maus-tratos.

Eu andava mais com Johnny e outras amigas do que com minha própria irmã, que nessa época vivia casos de amor e descobertas.

Em uma noite comum, casual, eu e Johnny estávamos em minha casa assistindo a um filme. Sempre fazíamos isso. Estávamos deitadas no pequeno e desconfortável sofá da sala. Minha casa ficava no meio de um grande pátio onde existiam outras casas, nas quais moravam todos os meus parentes. Chamávamos aquele aglomerado de pessoas, gritos e festas de condomínio familiar. Não me lembro do título daquele filme nem da história, mas lembro-me de uma conversa com minha mãe dias antes.

Estávamos em casa degustando um delicioso café da tarde, o que é habitual até hoje, e minha mãe fez o seguinte comentário:

— Filha, você ouviu por aí o que estão dizendo sobre a Johnny?

— Não, mãe, não ouvi. O que estão dizendo?

— Pois é, você anda com ela, então se cuide, pois estão dizendo que ela está saindo com uma menina que tem o apelido de Duda. Dizem que elas estão namorando e já viram as duas juntas. Você sabia?

— Não, mãe, não sabia, mas não tenho nada a ver com isso.

— Sim, é claro. Dizem que essa menina se parece com um garoto, e parece que elas estão namorando!

Encerramos, então, a conversa sobre a vida amorosa de Johnny e fiquei

com a mente muito perturbada por causa daquilo.

Voltando à cena em que eu e Johnny estávamos no sofá da minha casa... Mal sabia eu que aquele momento mudaria completamente a minha vida e para sempre. Estávamos deitadas, eram aproximadamente 18 horas de um dia de verão, e aquela informação sobre a Johnny estar namorando uma menina ecoava na minha cabeça nos últimos dias.

Então... ela me beijou. Opa! Como assim? Sim, ela me beijou. Eu só havia pensado, mas ela tomou a atitude. Ela me beijou. Eu a beijei. As horas passavam e eu não conseguia entender o que havia acontecido, se havia imaginado ou, de fato, vivido. Nunca teria coragem de concretizar meus desejos. Sim, eu já tinha esse desejo. Johnny trouxe à realidade sem pudor e sem timidez o que eu ansiava em meus pensamentos.

Uma pausa. Uma grande pausa. Passei horas me perguntando se aquilo realmente havia acontecido. Um desejo reprimido em mim por pessoas do mesmo sexo veio à tona no dia em que Johnny me beijou.



Capítulo 2

Os distraídos não se atraem

Um tempo incomum se iniciava em minha vida a partir daquele beijo, então começamos a namorar. Na verdade, eu a namorava, mas ela não. Eu tinha compromisso com ela e era fiel; ela, por sua vez, não se comprometia com ninguém além de si mesma. Eu estava vivendo algo novo e não queria perder aquilo, por mais que me custasse namorar alguém infiel e ausente.

Eu me submetia ao seu sistema de passeios amorosos, apesar de não falarmos no assunto e de não ser algo explícito e acordado entre nós. Eu procurava um amor recíproco, mas não impunha minhas vontades. Estava fascinada e obcecada pela descoberta que havia feito com ela: a descoberta de que era bom o contato físico com mulheres e de que aquele tipo de relacionamento supria algo em mim que eu não sabia explicar. Estava fisicamente realizada. Aquilo que vivíamos me completava naquele instante.

Johnny foi a consumação das minhas fantasias, foi a primeira mulher com quem me relacionei física e emocionalmente, mas não foi a primeira no meu mundo imaginário, pois nele eu já havia beijado muitas.

Enquanto eu namorava aquele lindo moço de olhos verdes, de boa família, e sonhava em casar virgem, já imaginava muitos outros beijos, muitas cenas com mulheres e garotas que eu conhecia. Desde quando? Não sei. Acho que tudo começou durante meu namoro com aquele rapaz. Trocávamos afetos, mas eu não via a hora de ficar sozinha com meus pensamentos criativos e férteis para me relacionar com minhas colegas de escola e amigas. Em minhas idealizações com outras mulheres, meu corpo reagia como se aqueles pensamentos e cenas que eu criava tomassem forma real, como se de fato o imaginado tivesse acontecido. Por isso, eu adorava ficar a sós para viver tudo aquilo.

Meu primeiro romance imaginário foi com uma menina do colegial. Ela era linda e inteligente, vestia-se perfeitamente bem e me dava atenção como ninguém naquela sala. Aquilo se destacava mais do que todas as outras qualidades que eu observava nela.

À tarde, estudávamos juntas; à noite, eu a namorava em meus pensamentos. Não via a hora de chegar a casa e ficar a sós em meu quarto para criar um romance. Em minha imaginação eu podia fazer o que quisesse, pois sabia que nunca passariam de meros pensamentos. Sonhava com o momento em que tudo pudesse se concretizar, ao mesmo tempo que sabia que eu nunca teria coragem de tomar uma atitude com ninguém. Eu era uma estátua: introspectiva, pensante, consumida por minhas carências, meus delírios e paixões.

Antes de Johnny me beijar, eu já tinha, em sonho, experimentado aquilo com outras mulheres. Parecia que ela havia lido meus pensamentos e sabia como ninguém os meus anseios. Após a realidade na qual fui inserida, desaprendi a viver só.

Eu não me considerava *gay* por estar me relacionando com ela. Não gostava de me rotular. Só amava uma mulher e só me relacionava com uma mulher, então aquilo não fazia de mim uma garota homossexual, mas uma mulher que amava uma única outra mulher. Era esse o meu confuso discernimento sobre o que eu estava vivendo.

E assim passou-se quase um ano de um relacionamento desconcertante, consumidor, perigoso, doador, exaustivo e tempestuoso, no qual eu ficava no banco de reservas esperando chegar a minha vez de receber carinho. Assim como os atletas se preparam para as oportunidades, lá estávamos eu e minhas angústias esperando um telefonema, um aceno, uma migalha que fosse. Eu me contentava com qualquer fragmento ou porção insignificante do afeto dela, da atenção e daquilo que eu pensava ser o amor.

Nosso namoro seguia, e as aventuras sexuais e sentimentais com ela já não eram suficientes. Vê-la com outras pessoas em festas e baladas na minha

frente também já havia me entristecido demais. Eu precisava de algo mais sólido e constante. Sentia-me perturbada e presa a um relacionamento egoísta. Queria alguém que me completasse emocionalmente, que tivesse interesse em estar comigo, que apreciasse passar o tempo ao meu lado e que me respeitasse. A satisfação dos meus desejos que eu procurava e havia encontrado com ela já não era mais prioridade para que continuássemos juntas. Eu tentava aos poucos me afastar e não responder as suas chamadas, mesmo que muitas vezes eu não recusasse. Aos poucos, fui me desprendendo de uma paixão viciante à qual estava escravizada. Nossa ligação era muito forte, pois, antes do relacionamento amoroso, éramos muito amigas e eu não sabia como lidar com toda aquela bagunça dentro de mim. Minha alegria estava endereçada a um ser de carne e osso que por si só não se sustenta, mas se mantém por uma força desconhecida.

Antes de terminarmos definitivamente, passei um sufoco terrível por causa do nosso relacionamento. Escapei literalmente da morte quando voltávamos de uma festa em que estávamos juntas.

Em um de seus casos amorosos, Johnny se envolveu com um homem nada amigável da cidade. Um dia estávamos numa festa, quando a vi conversando com ele. Sem dar muita importância, fiquei ali mais um tempo e fui embora. Para minha surpresa e pânico, aquele homem havia me seguido até em casa. Entrei rapidamente e ele começou a destruir todo o lado externo da casa alugada em que eu morava com uma amiga. Deus teve misericórdia de mim e o homem não entrou até que a polícia chegasse. Que sufoco! Ele havia descoberto que eu e Johnny estávamos juntas e acho que não gostou nada da ideia. Que coisa, ninguém me avisou para guardar segredo!!!

Depois daquele desafeto, terminamos o relacionamento e comecei a curtir minha vida de solteira *gay*. Eu pensava: “Vou me achar neste mundo ou vou me perder”! Comecei a frequentar festas e bares com amigos *gays* e garotas de programa que havia conhecido. Continuava pensando que não era *gay*, mesmo abrigando intenções sexuais e afetivas com outras mulheres.

Meus amigos eram todos *gays*, e eu não via mais sentido em sair com outros, pois já não tínhamos nada em comum. Gostava muito de frequentar os bares da cidade. Entre eles, havia um caraoquê para cantar, curtir e

descontrair. Para mim, lá era um ponto certo para um bom romance ou, pelo menos, um bom lugar para começar uma noite cheia de surpresas, drogas, bebidas e, quem sabe, terminar numa festinha particular ou no motel. Adorava cantar amores eternos para impressionar a plateia feminina. A voz rouca no final da noite era reflexo dos excessos: excesso de cigarro, desafinação, bebidas e cocaína. Eu me divertia, e chorava, e ria, e bebia, e ria, e fumava, e chorava, e cantarolava... só não lembro bem a ordem das coisas.

Conheci a cocaína numa festa em que me foi apresentada quatro vezes na mesma noite pela mesma pessoa. Nas três primeiras vezes, o pó branco estava em cima de uma cédula pronto para consumo e delírio, mas eu não quis intimidade. Na quarta vez, eu já estava bêbada o suficiente para sequer pensar nas possíveis consequências daquele ato. Naquela noite, tornei-me cliente daquela pessoa e amiga de baladas. Ela era divertida e sempre tinha bons produtos para consumo, por isso achava interessante estar perto dela. As noites, a partir de então, começavam a ser direcionadas exclusivamente ao uso de drogas. Eu as passava consumindo o que me consumia, gastando o que não tinha e buscando alegria no que não prestava.

Numa dessas noites de cantoria pelos bares da cidade, meu corpo estava atormentado pela abstinência de cocaína e aparentemente não havia ninguém para me fornecer. Naquele dia, minha querida amiga devia estar de folga ou buscando outra clientela nos becos da cidade para o seu irresistível e mortal produto. Eu precisava consumir, estava extremamente agitada, impaciente, e faria de tudo para conseguir a droga.

Fiz um giro pelo boteco e encontrei um sujeito muito estranho, com cara de encrenca das brabas. Então fui conversar com ele. Perguntei de cara:

— E aí, é você que tem cocaína?

— Sim, mas está na minha casa. Vamos buscar?

Sem hesitar, eu disse sim.

Então saímos do bar e entramos num fusca amarelo por volta das três horas da madrugada rumo à casa dele. Eu estava transtornada e ansiosa para consumir a droga, o que me impedia de ter o mínimo bom senso para avaliar o risco daquela situação. Continuamos seguindo para o local, que nunca chegava. Depois de andarmos mais de 30 minutos em direção à saída da

cidade, comecei a olhar para os lados e só enxergava campo, árvores e escuridão. Pensei: “Meu Deus, que cilada!” Naquele momento, voltei à lucidez e me deparei com uma situação irreversível. Quanta estupidez a minha sair com um cara estranho atrás de drogas em plena madrugada. Eu sabia que isso não acabaria bem. Então comecei a falar com Deus, a clamar em pensamento pela minha vida.

No meio do caminho, o cara começou a me contar uma historinha de que seu irmão estava indo embora naquela noite, inclusive naquele momento precisaria de carona até a rodoviária da cidade. Quanta conversa fiada! Eu mal ouvia suas palavras, e ele mal conseguia pronunciá-las por excesso de bebidas. Então, segundo ele, estávamos indo à casa de seu irmão buscá-lo e só depois pegaríamos a droga em sua casa.

Que irônico aparecer alguém precisando de carona àquela hora! E por que ele não falou nada antes de irmos? Por quê? Como? Onde? Que coincidência ridícula. Que desculpa estúpida. Que situação apavorante. Que imbecilidade a minha! Àquela altura, eu já estava completamente desintoxicada e terrivelmente lúcida.

Entramos numa pequena estrada de chão onde as luzes não alcançavam mais o fusca e continuamos a andar mais e mais adiante em um caminho sem fim, porém com muito mato, sem sinal de civilização ou celular. Nunca prometi tantas coisas a Deus como naquele momento. Nunca me lembrei tanto de Deus como naquela enrascada.

De repente, numa imagem distorcida bem distante, vi uma luz que piscava vinda de uma casinha no meio de todo aquele mato. Não sabia se era um vaga-lume gigante, uma estrela que havia caído, ou se era uma casa aparentemente abandonada. Não sabia se me alegrava por ter a oportunidade de correr para lá ou me apavorava ainda mais pensando no que aconteceria ao chegar nela. A casinha era do seu suposto irmão, que iria embora com a família e precisava de carona. Enquanto não chegava, eu olhava fixamente para aquela luz que ainda não havia distinguido o que era. Enquanto isso, no caminho, tentava me teletransportar para a manhã do dia seguinte para acordar daquele pesadelo.

Estacionamos em frente à casinha, o cara estranho parou com seu fusca

amarelo que se autogovernava, olhou para mim e disse:

— Já volto.

Ele bateu a porta do carro, que quase desmontou, e começou a caminhar vagarosamente no sentido da casa, enquanto eu estava paralisada dentro do fusca.

Naquele momento, um milhão de coisas começaram a passar pela minha cabeça: perguntas sem respostas, futuro, imbecilidade, Jesus, família, contas etc. Pensei: “Vou sair correndo! Mas, vou para onde? Estou no meio do mato! Devo ligar para a polícia? Para minha mãe? Mas meu celular não funciona aqui! Meu Deus!” Então comecei a escrever uma mensagem de despedida para minha mãe contando aonde minha estupidez havia me levado. Enquanto eu escrevia no meu celular sem créditos e sem sinal, ele saiu da casa acompanhado de outro homem e os dois vieram em direção ao carro. Meu cérebro havia paralisado. Antes que eu apertasse a tecla para enviar a mensagem, que nunca chegaria pela falta de créditos, olhei para a casinha mais uma vez, de onde vinha aquela luz, e pela porta vi saírem duas crianças e uma mulher com uma mala na mão.

Pausa. Respirei. Revivi. Dei o suspiro mais longo da minha vida! Todos entraram no carro e nos dirigimos à rodoviária da cidade.

Aquela situação infelizmente não foi suficiente para me fazer parar de usar drogas. As festinhas particulares que aconteciam em minha casa eram totalmente focadas nisso, em bebidas e curtição. Como era bom fazer tudo o que eu queria fazer! Aos meus olhos parecia bom e normal ser inconsequente e destruir meu corpo. Na verdade, eu não sabia direito se queria mesmo fazer tudo aquilo, mas eu estava lá, vivendo e usufruindo da minha juventude estupidamente, gastando um dinheiro que não tinha, relacionando-me com pessoas que não conhecia, vivendo uma vida que não havia programado.

Tati era uma grande amiga que dividia comigo as contas do “lixo” onde morávamos. O apartamento já era ruim antes de ser todo quebrado pelo cara com ciúmes da Johnny. Mas era o que dava para pagar; era o preço da independência, de uma liberdade ilusória. Eu e Tati precisávamos de um espaço para dormir, tomar banho, e o dividíamos com ratos e baratas (pelo menos os hóspedes não geravam despesas!).

Aquela grande amiga com quem morei algum tempo cresceu com traumas decorrentes de abusos sexuais na infância. Eu podia sentir sua dor, ver a ferida aberta, a profunda mágoa mesmo depois de anos. Nós nos ajudávamos e nos aconselhávamos a respeito da nossa desastrosa vida amorosa e, de um jeito precário, íamos vivendo naquele lugar. O que importava mesmo para mim era a privacidade para dar vazão aos meus impulsos.

O uso frequente de drogas me deixava com humor oscilante. Muitas vezes, ficava deprimida a ponto de chorar em qualquer situação. Tati era mais controlada. Eu já havia perdido uns seis quilos e continuava pensando que não estava viciada em cocaína, que não era *gay* e que tudo estava sob meu controle sempre.

Os bares da cidade forneciam o fundo musical para minha depressão, para os beijos e abraços de todos os gostos e para toda forma de amor. E no meio de tanta gente cantando, conheci meu segundo amor. Em meio a disritmia e devaneios de um corpo alterado, insano, confuso e angustiado, conheci Rebeca.

Com ela, tive um longo relacionamento e chegamos até a morar juntas. Estava decidida sobre com quem passaria o resto da minha vida. Eu era extremamente romântica e tinha certeza de que havia encontrado a pessoa certa, minha metade, alma gêmea (se existisse), tampa da panela, azeitona da empada, ou qualquer outra expressão que me tornasse completa (como se eu não já não fosse).

Na noite em que conheci Rebeca, fiquei encantada com seu jeito: ela era extraordinária em todos os sentidos, feita de rimas e cores, vida e calor. Eu me apaixonei. Rebeca tinha todas as qualidades que eu sonhava ter. Parecia que ela era tudo o que eu queria ser: segura de si, interessante e amada por todos. Eu me achava tão insignificante perto dela e de suas qualidades, que projetava nela uma mulher perfeita. Parecia mesmo que idealizava nela as partes fragmentadas de mim mesma e da minha personalidade vazia ou incompleta. Buscava algo que me preenchesse e me tirasse a sensação de vazio e insatisfação com o mundo e comigo. Buscava alguém que suprisse minhas necessidades mais profundas de amor e cuidado.

Quando ela passou a fazer parte da minha vida, as ausências que eu pensava ter em mim pareciam ter sido supridas por sua presença. Eu buscava em outra pessoa o preenchimento do que pensava não ser. Então, da admiração por ela veio o desejo de estar perto, de conviver, de me relacionar.

Aquela noite em que nos conhecemos foi maravilhosa, não queria que acabasse nunca. Formamos o casal aparentemente perfeito. Havia entendimento, química e disposição entre nós. Essa atração alimentou um querer ainda maior. Então nos atraímos, nos queremos bem, nos encontramos, nos gostamos, jantamos, namoramos, gastamos, casamos, nos maravilhamos, aproveitamos, nos divertimos, nos aventuramos, construímos, desconstruímos, brigamos e nos separamos.

Em alguns meses, estávamos morando juntas e dividindo as contas da casa, da faculdade e das cervejas. O sexo não era primordial em nosso relacionamento, pelo menos para mim; a afinidade, o companheirismo e o carinho eram a base. Primeiro avieram a admiração e a ternura, depois os sentimentos e, como consequência, o desejo. Não estávamos juntas por uma forte atração sexual, mas pelo amor e pelo carinho que tínhamos uma pela outra. Nosso cuidado e apoio eram mútuos em todas as áreas de nossa vida — pelo menos era isso o que eu achava.

O amor não era um simples objeto de desejo, não era somente o prazer físico. A satisfação total da pessoa, o bem-estar, o cuidado, a preocupação e a atenção sustentavam o relacionamento. Ríamos juntas, chorávamos juntas, nos divertíamos juntas. Tínhamos um relacionamento socialmente assumido e estávamos amadurecendo junto com o relacionamento. Amigos queridos frequentavam nossa casa, porém as pessoas mais importantes de nossa vida estavam de fora. Nossa família tinha de conviver com uma amiga estranha morando com sua filha, e, perante eles, disfarçávamos muito bem.

Estávamos juntas havia mais de um ano. A partir desse período, a rotina começou a nos cercar, e algumas coisas começaram a ficar chatas e mornas. Fora isso, o ciúme era excessivo e havia evoluído para a desconfiança, o que não nos fazia nada bem. Acredito que tenha inventado uma medida para o ciúme saudável e outra para o destrutivo, tamanha a intimidade que tinha com o sentimento.

Minha desconfiança tinha dois principais motivos. O primeiro era o comportamento expansivo, comunicativo e entusiasta de Rebeca, que conversava com todos e não se inibia socialmente, o que me levava a crer que algumas vezes havia intenção de mostrar-se para outras pessoas ou alguém específico. Isso me fazia pensar que talvez Rebeca estivesse perdendo o interesse por mim e investindo em alguém mais atrativo do que eu. O segundo motivo tinha a ver comigo e com minha inseparável insegurança e meu medo de ser abandonada. Não me achava suficientemente capaz de fazer alguém me amar, não acreditava na minha autoestima e nas minhas qualidades para manter um relacionamento; não acreditava que poderia verdadeiramente despertar o amor de alguém. Isso provocava brigas e desgastava cada vez mais o relacionamento. Após as discussões constantes, tudo se resolvia, pelo menos para mim. Estava tudo certo para passarmos o resto da vida juntas, mesmo com situações que envolviam ciúmes de vez em quando. Esse era o meu plano: felizes para sempre ou até que a infidelidade dela nos separasse.

Após a conclusão do curso que Rebeca estava fazendo, surgiu uma grande oportunidade de emprego em outra cidade. Um convite de trabalho, um convite de mudança, um convite a analisar o zelo pelo nosso relacionamento. Alegramos-nos com isso e com a possibilidade de novos desafios. Eu me entusiasmava em projetar nosso futuro, construir, avançar. Animava-me até entender que eu não fazia parte dos planos de Rebeca, não estava incluída na vida nova. Nos meus planos para o futuro, ela estava sempre lá, até porque estávamos casadas e não pensava em me separar. Porém, nos planos dela, eu não estava presente. Não gostava nada disso. Achava que era um casamento com prazo de validade, algo descartável.

Senti-me emocionalmente traída com a descoberta, rejeitada, descartada. Nunca sabemos o quanto as pessoas estão dispostas a abrir mão delas por amor a nós até que venha a prova. Minha carência precisava de demonstrações de amor, de palavras de afirmação, de alguém que me incluísse em toda a sua vida, e não somente por um momento. Até entender que o amor não é o que sentimos pelos outros, mas como nos comportamos com relação aos outros, já sofria o desamor de ver meu relacionamento

chegando ao fim.

Uma noite, eu estava na varanda de nosso apartamento, de onde podia ouvir a conversa de Rebeca com uma querida amiga que morava no apartamento de cima. Elas falavam sobre um amigo que Rebeca havia conhecido no novo trabalho. Comecei a perceber algo estranho naquela conversa, então me esforcei para ouvir melhor. Tratavam de bons e estratégicos planos. Rebeca estava programando executá-los com o tal amigo. Envolviam sedução, intimidade, conquista, enfim, sexo. Seria engraçado se não fosse trágico. Fiquei sem reação ouvindo o tom de voz empolgado e cheio de expectativas dela com alguém que não era eu. Depois de tudo o que vivemos juntas, não sabia o que pensar. Mas, a partir daquele momento, sabia que havia acabado tudo e que não teria mais volta.

Por um instante relutei com meus sentidos e julguei estar com problema de audição, mas não podia negar nem para mim nem para ela o que havia escutado.

Enquanto esperava Rebeca descer, “bebi todos os cigarros e fumei todas as cervejas” para tentar amenizar a decepção. Não funcionou. Conversamos na sala. Eu estava desprovida de qualquer emoção ou reação. A decepção ainda não digerida me deixou imóvel. Enquanto trocávamos poucas palavras sobre o que havia acontecido, a tristeza ia me consumindo lentamente.

A noite terminou em prantos e questionamentos sobre a causa de tudo aquilo. Uma grande amiga me cedeu seu tempo e sua casa para desabafar. Sonhei que me sufocavam e me confundiam com o lixo. Acordei banhada em suor, lágrimas e desilusão.

Demorei um tempo para entender as causas e as consequências do que vivi devido a alguns posicionamentos que tomei. Custei a compreender por que meus planos e sonhos foram frustrados de uma hora para outra, por que minhas expectativas de felicidade depositadas em outra pessoa foram um erro. Demorei para entender como minhas certezas amparadas no meu “achismo” e na minha cobiça evaporavam como gota no oceano e como, sem perceber, eu ficava deprimida pensando cada vez mais que era inferior, inadequada, e que a culpa de nada dar certo era sempre minha.

Culpa? Mas quem era o juiz sobre mim? Ou quem estabeleci para ser?

Rebeca e Johnny revelaram que não queriam nada sério. Essa era minha primeira desculpa. Contudo, a bem da verdade, Rebeca parecia querer, e tivemos algo sério que durou um tempo. Ao fim desses relacionamentos, comecei a analisar os “porquês” para entender o que estava vivendo, visto que não queria passar o resto da vida em relacionamentos itinerantes nem viver coisa alguma sem compreendê-la.

Não culpei Johnny, assim como não culpei Rebeca por não ter dado certo. Apenas queria saber a causa dessas decepções e o porquê de relacionamentos tão inconstantes, imprevisíveis e sem vínculos.

Capítulo 3

Para disfarçar a falta

O negócio era me jogar mais uma vez naquela vida divertida, badalada, agitada, confusa, depressiva, solitária, cara, aparente, na qual não almejava nada melhor para meu futuro. Minha vida *gay*.

Depois de um *Réveillon* na praia, comecei a refletir sobre minha vida na minha cidade do interior. Eu estava desolada, sem perspectiva e querendo mudanças. Meu trabalho estava bom, mas já não havia desafios para mim.

Comecei a pensar em me mudar para uma cidade maior e com mais perspectivas de vida e trabalho. Não demorou muito e fui morar na capital para cursar uma faculdade, trabalhar e aproveitar minha solteirice. Mantive contato com algumas pessoas por *chat*, pois precisava de companhia para sair, mas na maioria das vezes acabava saindo sozinha. Gostava da minha própria companhia. Eu era divertida e tinha sempre dinheiro para gastar. Aprendi a viver só e a ter prazer em mim mesma, de preferência quando estava embriagada.

Logo que cheguei à cidade, passei por dificuldades financeiras até me estabelecer no trabalho. Fui para a praça vender minhas bugigangas, fiz empréstimo no banco e paguei almoço com vale-transporte. No entanto, depois de um tempo, ingressei numa excelente empresa e ali comecei a construir uma carreira longe de casa.

No primeiro ano em que vivi ali, focava no trabalho e nos estudos e não tinha tempo para casos duradouros ou que exigissem muito de mim. Havia me tornado uma mulher centrada e não trocava minha qualidade no trabalho por noites de festas (só às vezes, é claro). Mesmo com tanta dedicação de minha parte, eu encontrava tempo para sair e me divertir com um amigo que conheci numa balada *gay*. Saíamos alguns finais de semana para *shows*,

caraoquês e botecos. Um amigo para descontrair, relacionar-me e curtir. Não havia noites ruins.

Naquela época, também recebia visita de uma querida amiga da minha cidade. Quando Carol ia para minha casa, não passávamos uma noite sem uma história inédita para contar.

Certa vez, zoando pelas cidades vizinhas, resolvemos explorar uma casa noturna superbadalada, porém não queríamos pagar para entrar no local. Resolvemos, então, nos disfarçar de estudantes universitárias que precisavam realizar um trabalho do curso. Faríamos uma pesquisa de campo e entrevistariamos as garotas de programa. Entramos lá com pranchetas, fichas, pastas e cheias de más intenções. As garotas, por sua vez, ao verem chegar duas “macho man” (apelido que carinhosamente nos demos), fizeram tantas perguntas que parecíamos ser as entrevistadas. Elas também não se sentiram inibidas em permanecer com o figurino da noite. Saímos de lá com alguns contatos e muito orgulhosas de nosso grande feito.

Eu morava num local da cidade onde havia muitos bares frequentados pelo público *gay*. Quando saía de casa, pensava que o mundo todo havia se tornado *gay*, desde o jornaleiro na esquina até o taxista no ponto da rua, sem contar o dono da padaria e o vendedor de flores. Eu pensava morar no paraíso.

Os botecos eram pontos certos nos finais de semana. Às vezes conhecia alguém interessante, outras vezes não. Quando não acontecia, voltava para casa sem dinheiro, bêbada e caminhando altas horas da madrugada sozinha, uma cena deprimente. Parecia uma criatura desesperada procurando alguém que preenchesse sua solidão. Eu não aparentava viver assim, claro que não. Porém, era esse o verdadeiro desejo que os olhos não podiam ver. Eu procurava o que estava em extinção no mercado: um amor para durar.

Certa vez, num bar qualquer, uma menina estava comemorando seu aniversário e me pediu de presente. Ela me queria de qualquer jeito. Realizei seu desejo. Acordamos na minha casa, mas não na minha cama. Lembro-me vagamente de não saber o endereço dela.

Outra vez acompanhei Carol, minha amiga de aventuras, em uma de suas viagens de negócio. Depois do trabalho na cidade em que estávamos,

resolvemos ir a uma festa em uma cidade vizinha. No meio do caminho, passamos por um bar de beira de estrada onde havia um *banner* com a seguinte frase: “Esta noite: Show na cadeira elétrica com Fulana Cicrana”. Tivemos a brilhante ideia de parar e entrar no local. Dez minutos depois, saímos fugidas do bar com um cara nos perseguindo em plena autoestrada.

Alguns finais de semana, eu retornava a minha pequena cidade, onde gostava muito de ficar com a família e de voltar àqueles lugares que frequentara para encontrar amigos. Gostava de estar com minha família, apesar de passar a maior parte do tempo em casa dormindo, curando a ressaca das festas.

Aconteciam algumas baladas *gays* quando eu ia para lá, então sempre arrumava um jeito de comparecer. Em uma dessas festas, conheci uma pessoa especial. Aquela menina apareceu na hora errada e fez com que meus dias na capital se tornassem infinitos e melancólicos. Começamos a nos ver todas as vezes que eu vinha de lá e também comecei a viajar mais vezes do que o programado para poder ficar com ela.

No começo estava tudo certo: relacionamento pela internet, saídas uma ou duas vezes por mês... até eu me apegar, o que não demorou para acontecer. Começamos a nos ver com mais frequência, ela começou a me visitar, e a essa altura eu já queria bem mais do que alguns encontros poderiam proporcionar.

Não gostava dos dias lentos, aqueles que insistiam em me afastar dela. Não gostava das pessoas que diziam que tudo tinha seu tempo. O tempo não era feito para esperar, mas para viver intensamente. Não gostava mais de ficar sozinha; tinha encontrado uma companhia que me dava mais prazer em estar do que a minha.

Não gostava da saudade; parecia que eu não tinha vivido aquelas lembranças, parecia que o ocorrido era só um filme bom. A saudade me fazia ter inveja de um passado consumado. Sobravam tantos dias na minha agenda sem ela, faltavam tantas memórias de dias com ela... Sintoma de amor? Não sei. Mas queria a cada minuto do tempo alguém e, depois de encontrar esse alguém, queria que o tempo parasse.

Entretanto, não parecia um romance, pois um romance, um namoro, um

caso, é vivido a dois, não só. Fazer compras sozinha, ir ao cinema sozinha, ir ao *shopping* sozinha. Aquilo não era relacionamento; era a vida de uma solteira sem muitas amigas. A distância entre nossas cidades estava se tornando um fardo para mim, que não sabia lidar com a saudade.

Eu sentia angústia por estar longe, ficava enciumada de sua aparente falta de compromisso e lealdade e desejava muito estar perto dela. Foi um caso que acabou desfocando meus objetivos naquela cidade, roubando todo o meu pensamento ao longo dos dias.

Estar com ela era muito bom, apesar de ela não me transmitir segurança alguma. Ela era desprendida, ou seja, era dela mesma e de suas vontades. Fazia tudo movida por paixão. Não sofria de saudade, de ausência. Vivia sempre numa boa. Sua indiferença com relação a algumas coisas me preocupava. Ela estava curtindo a vida, e eu estava me enrolando cada vez mais.

Foi o relacionamento mais instável e inconstante de todos, porém no qual eu depus as maiores esperanças de viver feliz para sempre.

Eu estava sozinha, carente e querendo casar. Ela se achegou a mim e foi fácil me conquistar. Todos buscam algo que transcenda a naturalidade, seja no amor, no prazer, na diversão. Eu buscava nela tudo isso e, até então, parecia que tinha encontrado. Ela me seduziu e eu gostei. Eu me deixei levar, atraída por seus encantos, mais uma vez pela ânsia de uma vida a dois, pela realização de um sonho, de ter uma casinha, de ter sossego e paz com alguém que me quisesse eternamente, que não pensasse em traição, mas que mostrasse companheirismo e desejo eterno.

Rafa foi, sem dúvida, meu amor mais racional. Amava seu jeito sem jeito, sua beleza, suas palavras, nossa intimidade. Mas, quando estávamos longe, seu descompromisso acendia minha insegurança e fazia com que brigássemos. Nossas noites eram as melhores, nossos momentos os mais completos, e nossa história foi a mais longa. Contudo, sua personalidade conveniente criava a fonte da fragilidade e da incerteza de que o amor viesse a ser fraco. A ideia era subjugá-lo; isso diminuiria os riscos causados pela falta de manutenção. Vivia vulnerável com medo do fim, tentando disfarçar nosso líquido e frágil amor, vivido em avulsas noites de sexo. Mais do que

motivos para ter ciúmes, eu tinha a falta da posse, do poder, dos encantos diários privados pela distância. Aprendi depois disso que querer “amarrar” o amor é algo tão irrealizável quanto pensar que ele habita em outra pessoa.

Após um longo período namorando por telefone e internet e muitos encontros, viagens e gastos, terminamos. Algum tempo depois, voltei a morar na minha cidade para ficar perto da minha família. A distância de todos estava me consumindo.

Quando voltei, muitas coisas novas esperavam por mim em minha agitada e inconstante vida *gay*. Voltei a frequentar os mesmos lugares e com as mesmas pessoas. Eu ia a todas as festas na esperança de me encontrar com ela, mas parecia que para todas Rafa já tinha um plano ou um alvo. Esse alvo às vezes era eu, às vezes não. Voltamos a nos ver algumas vezes e a “namorar”. Sua inconstância não havia mudado. Porém, parecia que finalmente começaríamos uma história palpável e conseguiríamos viver intensamente o amor, o cuidar, o servir, o doar-se e o perpetuar reprimidos pela distância.

Numa noite qualquer, saímos com amigos e tivemos uma brilhante ideia. Eu e uma grande amiga que estava sempre conosco, Marcela, resolvemos nos tornar *promoters* de festas para *gays*. Na minha cidade não havia muitas opções, então resolvemos criar uma. Queríamos uma festa diferente, com a nossa cara. Pensamos primeiramente numa reunião só de mulheres, só de amigas. Então essa foi a primeira que promovemos: um encontro só de garotas; garotas que gostavam de garotas.

Começamos a agitação nas noites *gays* da minha cidade. Isso incluía convidar garotas, comprar bebidas, locar casas noturnas, desenvolver *folders* e logotipos para a festa, contratar DJ, divulgar nas redes sociais, implementar ações de marketing e usar muita purpurina para promover um festão. Foi o primeiro de muitos que viriam. A primeira festa foi um sucesso! Marcela e eu bebemos o resto das tequilas no dia seguinte para comemorar.

Um mês depois, resolvemos fazer uma festa para homens e mulheres. A notícia se espalhou pela cidade e era grande a expectativa para o evento.

As festas tornaram-se um verdadeiro ponto de encontro *gay* da cidade e da região. O objetivo era conhecer novas e interessantes pessoas do mundo

gay. Foi um tempo de novas amizades, novos relacionamentos e muitas bagunças. Para mim, era negócio e também diversão. Como eu havia voltado a morar lá recentemente, a renda arrecadada com as festas sustentava minha vida financeira. Foi uma época de diversão, ressacas, risadas, convites, muita confusão, traição, brigas, beijos e sexo. Àquela altura, eu já havia sido descartada pela Rafa e iniciado outro relacionamento, e outro, e muitos outros.

Eu era uma agente que promovia festas *gays* que proporcionavam às pessoas a possibilidade de viver o novo, prazeres nunca experimentados, novas amizades, novos relacionamentos, diversão, divórcios, vícios e tantas outras loucuras em meio à obscuridade.

Logo no início das festas, Rafa me dispensou. O medo que me consumia tornou-se real. Estávamos no seu quarto conversando e sem ânimo, sem dor, sem receio, ela disse que não dava mais. Nunca planejou nada comigo, mas pareceu que o fim estava bem resolvido em sua mente; nunca fez uma surpresa e não sei o quanto ela se apegou, entregou-se. Mas terminar era parte da história que eu não queria viver naquele momento.

Aquela frase me esmagou. Sofrer e romper não estavam nos meus planos. Ainda não tínhamos vivido nosso grande amor, nossos momentos memoráveis. Ainda não havíamos aproveitado o suficiente para parar. Vivemos mais a saudade de um relacionamento e a ausência do que desfrutamos dele. Vivemos mais a falta do que a sobra, mais a expectativa do que o vislumbre; não era tempo de terminar, era tempo de amar. A notícia foi dada como uma informação da previsão do tempo: objetiva, fria e precisa. Eu, apaixonada e dramática, mas sem aparentar, queria rastejar, implorar, mas ela, com sua centralidade, não permitiu minha comoção. Sua falta de opção me silenciou e me mandou embora. Morri entorpecida de esperança.

Como podemos demonstrar a alguém nossa alma de verdade, nossas fraquezas, nossas manias desprezíveis, nosso real prazer, nossos medos, nossas rugas? Isso não é nada romântico, mas espanta o desejo, repele a atração. Justamente. Renunciar à busca por algo aparentemente mais atrativo depois de conhecer os bastidores me parecia o início do amor, ou daquilo que eu chamava de amor. Depois de toda a exposição, algo deveria permanecer, o

amor deveria aparecer. Ficar desnudada, desconstruir-se, desarmar-se, tirar a maquiagem no palco do amor é quase invocar um divórcio lento.

Como assim? Ela me seduziu e não queria mais? Acho que nunca senti um desespero tão intenso. Eu disse que queria rastejar. Minha cabeça estava cheia de argumentos que eu não pude arriscar porque já era tarde demais, ela não queria ouvir. Foi como pensei que não ia ser. A vida surpreendia de novo e sempre.

Os dias de tristeza achariam consolo nas noites de diversão mais uma vez. Qual seria a outra opção? Não havia — eu pensava. Se havia, eu não enxergava. Mais uma vez eu estava arruinada, destruída por dentro e linda por fora. Mais uma vez esperava o tempo tirar minha dor do centro, desfocar, distrair, levar meu abandono, devolver minha esperança, meus sonhos. Mais uma vez eu não entendia aquele relacionamento falido, acabado. Ela não era perfeita, ninguém é, eu a queria do mesmo jeito. Não poderia ser esse o medidor do fracasso: “pares imperfeitos”. Haveria de existir uma resposta para tudo aquilo, para todos os meus relacionamentos desperdiçados.

O que tinha de errado com meus sonhos bons, com minha entrega, meus desejos, se o amor que estava lá no início, na busca, na aproximação, era o mesmo que voltava sozinho e vazio quando tudo acabava? Onde tudo se perdia? Qual seria o caminho para resgatar? Onde estava a corda bamba em que eu caía e que sempre me fazia voltar?

Não via uma explicação que me convencesse do fracasso. As interrogações cresciam dentro de mim, eu meditava nelas, porém as abafava. Minha vida vazia precisava de disfarce mais uma vez, precisava se empolgar, tomar fôlego e continuar, ir à festa e achar outra razão de existir, porque aquela vida já estava no ontem. Era o sentido obrigatório. Não havia outro caminho. Talvez na próxima mulher, na próxima estação, na próxima festa eu encontraria a felicidade escondida no outro.

E as festas continuavam a todo vapor, assim como minha desonestidade com meus sentimentos, que pediam uma trégua, uma avaliação. Divertia-me e permitia que se divertissem comigo. Abandonei a ordem e a decência e supri minhas vontades quase todas de uma vez. Então vieram a Maria Clara, a Maria Cristina e a Alice Joana. Depois a Ana Carolina, a Ana Júlia e a Luiza

Antônia. E no intervalo de um romance e outro, ainda tive tempo para a Karla, a Augusta, a Fernanda, a Letícia e a Melissa, entre outras que não lembro o nome, a face, e que não se lembram de mim.

Num dia estava em um motel luxuoso; no outro, em uma pousada barata. Podia ser também nos lugares mais inusitados, a pé e sem dinheiro. E tudo se tornava um ciclo, uma redoma, um labirinto, uma instância. Valia o momento, valia a piada, valia o corpo, valia a bebida, valia a droga. Se me feria? Não parava para examinar. Se me fazia bem? Não ousava pensar. Se eu queria tanto? Minha carne queria. Esta egoísta me comandava.

Eu vivia por impulso, e o impulso nunca me satisfazia por completo, mas satisfazia meu momento mágico de amor. E depois, o que vinha? Outro impulso para repetir aquilo que eu já não mais possuía. A necessidade de viver o amor era tanta que valia ser só por um instante. Um instante bom servia para disfarçar a falta.

Capítulo 4

O que você me desperta?

O amor dispensou apresentações, mas exigiu olhares. Mostrou-se nas vibrações.

Numa colorida festa que eu e Marcela, minha grande amiga, promovemos, vimos chegar de repente uma mulher muito linda com sua respectiva namorada. Eu a chamarei de Anne.

Conhecemo-nos naquela festa. Nós nos encontramos meses depois nas ruas da cidade. De sua namorada não sei, mas para mim elas não combinavam em nada. Saímos numa noite comum, casual. O encontro foi a três, no bar. Não com sua namorada, mas com outra amiga. Acho que ela precisava de aprovação ou descontração, por isso Anne a convidou para estar. Noite de olhares, de sensações e imaginações, inclusive para sua amiga, que estava sozinha. Na despedida, ela esperava um toque, um convite. Eu esperava um amor.

O convite veio dias depois: “aperta o 4 que é o meu andar...” Metade dela era música, a outra não sei. Do lado da rima era alegria, do outro era insensatez. A sensação era de que havia esperado por ela a vida toda em meu mundo de caos. Ou meu vazio interior era tão grande que eu já não podia mensurar o que era amor e o que era dor. Procurava alguém, um amor, uma fonte agrupando tudo o que o amor dispõe. E parecia que eu tinha toda a certeza do mundo de que encontraria isso num ser que não controla sua própria respiração.

Entre nós duas não sei quem se inibiu ou recuou, não sei quem se proibiu ou se recusou. Não fingimos que a atração não seduziu, não evitamos o encontro; pelo contrário, nós o planejamos, elaboramos e nos consumimos. Nem por um momento nos impedimos de nada, nem nos desviamos por

estarmos na contramão.

Amei demais, ela também. Meu amor não foi suficiente para atingir o propósito nem suprir o vazio do seu coração. Ela continuou com sede de amar e parecia que ninguém no mundo daria conta daquilo.

Mas antes de tudo teve um vinho, um sabor e um amor! Convidei-a para um fim de semana na praia. Rolaram bebidas, música, briga, um amor, outro amor.

Anne tinha namorada, que não era eu. Ela morava longe, longe dos meus olhos, mas para mim era suficiente para incomodar. À medida que o tempo ia passando e nos tornávamos mais íntimas e apaixonadas, eu a pressionava para que ela terminasse o namoro com a outra. Eu era *gay*, não desonesta! Não tinha o hábito de trair os outros e não gostava da ideia de ser a outra.

Depois de algumas brigas e desentendimentos, terminamos. Visto que ela não fez a escolha, decidi não ser mais a outra. Pouco tempo depois, voltamos. Prefiri ficar com ela mesmo naquela condição. Ao que tudo indica, eu era movida por minhas paixões.

Meus valores não resistiram a um novo amor. Quando voltamos, Anne estava usando drogas. Estava mais magra, deprimida e perturbada. Ficamos juntas e tentei ajudá-la a parar. Uma mulher linda, cheia de carências, inseguranças e fugas. Eu, mais vazia do que ela, me preenchia com qualquer coisa que entendesse como amor. Sustentava-me com o que dissipasse a nuvem da minha solidão. Era governada por minhas necessidades, mesmo não sabendo ao certo quais eram. Estávamos no mesmo nível, caminhando para o acaso, vivendo uma indiferença existencial à procura do amor, uma angústia disfarçada, uma busca infinita do desconhecido a fim de que nos causasse algo de bom.

O último romance foi com Anne. Não que eu não tenha vivido outros, pois foram muitos. Alguns duraram poucos meses, outros semanas. Todos com o mesmo foco, bem-intencionados, justificados pela busca do amor, ignorantes à procura da fonte, decepcionantes no suprimento essencial. Naquele caso enrolado, era ela que cantava. Em outros, algumas também cantarolavam, encenavam, assobiavam, e eu apreciava todas. Anne foi uma linda mulher por quem me apaixonei, com quem me relacionei, dormi, viciiei,

discuti, e que não conheci. Eu também não me conhecia, mas a gente sempre acha que sabe tudo.

Não sei quando foi o meio daquele romance e não percebi quando chegou o fim. Não entendi nosso começo, e a história parecia se repetir. Fui vivendo, fui amando, fui sofrendo. O fim simplesmente nos atropelou, nos destruiu de repente. Mas antes do fim teve o todo: a fissura, a loucura, as ondas, a poesia, a fábula, as canções de amor, as juras eternas e a ligação das almas. Então por que não poderíamos tentar? Qualquer coisa no final das contas a gente se desculpa, se por uma desventura não der certo.

Lembro-me da noite que passamos juntas. Estávamos numa viagem com outras amigas. Nós nos divertimos, cantamos e bebemos. Com seu violão inseparável e sua voz rouca, ela ritmou a noite e encantou a todos. A lua era apenas um adendo à sua interpretação. E a plateia se apaixonava cada vez mais. Aquela noite foi especial, sem cerimônia, sem decência. Não dormi. Meu coração acordou sem saída, sem desculpa, sem escape. Eu me apaixonei.

Depois daquela noite com Anne, começamos a nos ver com frequência em sua casa, a qual era nosso mundo sem desventura, sem razão, com muitas histórias, nuvens de fumaça e canções, onde a luz não podia entrar, onde o esconderijo era nosso lugar. Não falávamos sobre amor, vivíamos em comum um sentimento não declarado. Ela, por já ter namorada, não se declarava a mim. Eu, por já ter partido meu coração algumas vezes, não ousaria em tal contexto me declarar a ela.

Depois de alguns meses de romance, eu estava sufocada com a declaração de amor em minha boca. Tudo o que existia dentro de mim precisava ser anunciado. Tudo o que eu sentia precisava ser dito. Todo o meu segredo precisava ser revelado. E a frase tão doce aos ouvidos estava pronta para ser dita. Era tão simples, era só perceber, era só ouvir o que o meu silêncio queria dizer. Aprendi que não sabia guardar meus segredos. Precisava gritar para o mundo ouvir.

Ela gostou. Quem não gostaria? Tinha medo de se declarar, por causa de sua namorada, e sentia-se presa. Eu entendia e me submetia. Minha paixão ordenava assim.

Depois de um tempo, aquela mesma palavra a sufocava. Ela também

queria me contar seu segredo. Num segundo “eu e ela”, no outro, “nós”. Ela precisava do meu amor, eu sentia. Ela era frágil, perdida em suas canções, e parecia que achava em mim a alegria de suas angústias. E eu, que nem sabia por que existia, pensava ser a pedra angular daquela história construída com muros tortos e firmada sobre a areia do mar.

Um amor sedicioso, reinventado, excitante consumia meus dias. Eu queria estar com ela, às vezes estar apenas com seus medos; seus vícios me bastavam. O romance rolava junto com o som. Do outro lado, uma namorada fantasma perseguia minha moralidade. Então veio o fim. Anne deu um fim à outra. E tivemos sossego por um bom tempo. Nós três estávamos sossegadas: eu, Anne e minha incredulidade. Esta última, por sua vez, começou a me perturbar cedo demais. Eu queria acreditar que estávamos bem, queria acreditar em sua lealdade e fidelidade comigo, mas parecia que não seria bem assim.

Anne estava no banho. Às vezes eu me preocupava pensando que ela poderia estar usando drogas no banheiro, mas me preocupava mais ainda com minha ética toda vez que eu olhava seu celular em cima da mesa. Naquele dia, comecei uma batalha interna sobre moral, confiança, vasculhar o celular e dignidade.

A desconfiança ganhou. Quando peguei o celular dela, me deparei com a seguinte questão: se houver algo que indique traição, será o fim. Então, fiquei ali alguns minutos pensando se eu preferia sofrer com a verdade ou continuar vivendo uma doce ilusão que mais ou menos me fazia feliz.

Sem pena do meu próprio bem-estar, romance e querer, sentei na cama e comecei a ver as últimas ligações. Naquela época, Anne já não estava mais namorando a tal mulher havia algum tempo. Ou melhor, isso era o que eu achava. Comecei a verificar as ligações e as mensagens.

Já pensava na desculpa. Já me via chorando até secar. Já via outra tomando seu lugar. Já via a tempestade de novo. Chorava a pobreza, o desrespeito, o vaso que se quebrou. Sentia que estava correndo para lugar nenhum. Chorava a frustração da perda, a deslealdade, a constatação do engano, da mentira, da ausência do amor. Não queria me adaptar novamente a outra pessoa, outra conquista, outra personagem fonte da felicidade, outra

moeda premiada para meu poço de desejos. Quando Anne saiu do banheiro, não me contive, eu já estava chorando. Perguntei a ela se havia mesmo terminado o namoro com a outra mulher. Acho que eu queria ser enganada por sua resposta, mas não fui. Sua frase foi curta: não.

Ela disse a verdade, disse aquilo que eu não queria ouvir. Anne começou a chorar e brigamos. A última vez que a vi ela estava sentada no chão com os olhos verdes molhados de chuva.

Cheguei a casa numa tristeza tão grande que não saí da cama por vários dias. Não comia quase nada, não falava quase nada, não vivia quase nada. Tomava remédios pra dormir e, quando acordava, queria dormir de novo. Seu verde olhar me faltava e um simples toque, uma ligação, um carinho, com certeza me resgatariam daquela depressão. Mas tudo foi arruinado, tudo acabou.

Pensei que não resistiria a sua inexistência. Não queria mais a vida. Que vida? Eu pensava não ter feito nada de errado: não havia traído, mentido ou poupado. Pensava que havia feito tudo, compreendido tudo e sempre me doado. Não entendia como poderia ter dado errado. Por que tinha de ser assim? Parecia que amar seria sempre um desastre.

Mais uma vez a derrota me alcançou. Daquela vez morou em mim algum tempo depois da separação. Ela me acordava e fazia companhia a todo instante. Todos os momentos sem Anne eram vazios, sem vida. Novamente me tiraram a vida, a minha vida. A cena se repetia, enchendo-me mais uma vez com aquilo que outrora eu me esqueci de acrescentar aos romances: a desilusão. Minha alegria era uma mulher e minha felicidade estava numa mulher. Eu não me bastava, tampouco queria me bastar.

Na manhã seguinte, senti um vazio tão grande que voltei ao seu apartamento. Não sei o que fui fazer lá. Acho que precisava de uma mentira dela para me agarrar, para voltar a ser feliz, para me sustentar. Fui lá buscando qualquer palavra sua para aceitar, para acreditar. Quando cheguei ao seu apartamento, às seis horas da manhã, Anne chegava acompanhada de outro alguém. Ela não me viu naquela manhã; ela nunca mais me viu.

Todos os romances começavam com a busca da fonte, ou seja, a outra pessoa. Todos me empolgavam parecendo ser, daquela vez, o suficiente. Com

Anne não foi diferente. Quem de nós não omitiu? De quem era a culpa? Quem não sofreu? Ou não quis fazer dar certo?

Meus fracassos sempre precisavam de uma explicação para eu tentar entender as coisas do coração.

Então, em nome do amor, eu me desculpo.



Capítulo 5

Cansey

Atristeza acordou. A fortaleza ruiu. A inconsistência das minhas verdades veio à tona. O tédio interno explodiu. Não dava mais para viver daquela forma. Mas como não conviver comigo? Algo dentro de mim me inquietava. Uma mesmice de vida. Um descompasso. Um abrir e fechar de portas. Um deitar e acordar vazio. Uma vida de angústias. Uma vida interrompida. Uma mulher sequestrada.

Cansei de fingir. Não era nada feliz. O fundo do poço me trouxe a mais pura verdade escondida na superfície da praia. Os olhos inchados me fizeram ver coisas jamais vistas com olhos secos. O deserto me fez olhar continuamente para mim e discutir comigo.

Minhas convicções e certezas eram meus guias, meus prazeres e minhas decepções. Estava cansada do meio que levaria a um fim que nunca acontecia. Ou acontecia por algum tempo e se diluía. Estava cansada de não saber se vivia algo criado por Deus ou inventado pelos homens. Não podia recuar, havia chegado ao cúmulo da hipocrisia comigo mesma. Sorria para os outros e chorava com minhas frustrações.

Cansei. Aonde ir? O que comprar? Com quem dormir? Como é seu nome? Você me perdoa? O que eu penso me define? Meu amor, cadê você? Como vou recomeçar? Por que estou fazendo isso? Mulher eu? Deus errou? Isso é tudo o que há? Quem fez isso comigo? Por que me sinto diferente? Quem disse que tudo isso é verdade? Amor ou sexo? Carência familiar? Falta Deus em minha vida? Quem é Deus? Ele existe?

Quando o prazer momentâneo de uma noite terminava, a tristeza tomava seu posto. A tristeza de uma vida vazia só trazia a minha memória o que não me dava esperança. Não me oferecia muitas opções. Fazia-me ver o quanto

não era dona de mim. Eu não reagia às minhas mentiras, tampouco conhecia as minhas verdades. A tristeza que eu sentia jogava na minha cara a vida medíocre que eu teria pela frente e a minha falta de importância.

Cansei das opiniões, das tendências, das causas, das multidões, das migalhas, dos prazeres ilusórios, da inadequação, das determinações, da manipulação. Queria retornar ao início. Queria voltar no tempo e identificar onde me perdi. Queria restaurar a menina original que Deus havia feito.

A primeira atitude que tomei foi admitir para mim mesma que estava cansada.

Cansei de ouvir ruídos para me guiar.

Cansei de receber a liberdade proporcionada por alguém que vive suas próprias mazelas e que carrega seu lixo diariamente.

Cansei de estar inadequada.

Cansei de imitar o agrupamento fundamentado numa ilusão.

Cansei de viver cega nas minhas razões.

Cansei da incapacidade de me identificar.

Cansei das minhas verdades incoerentes.

Cansei da urgência do corpo.

Cansei de me proteger com gritos.

Cansei de não saber o que Deus achava de mim.

Cansei da escravidão da aprovação.

Cansei de me negar.

Cansei de fugir do confronto.

Cansei de defender o pano de fundo das ideias alheias.

Cansei de não dar espaço para Deus ser o que é.

Cansei de ser simbólica.

Cansei de fingir que não entendia o amor de Deus.

Cansei de me excluir da alegria.

Cansei de ser um homem sem pênis.

Cansei dos cabelos raspados.

Cansei de fugir da mudança.

Cansei de ter uma vida que desapontava Deus.

Cansei de tentar descansar com mulheres.

Cansei de andar sozinha.

Tinha alguém me observando... O tempo todo. Todo o tempo. E que não cansou... de mim. Ele não fez nenhuma pergunta. Não me olhou estranho. Não me julgou. Não condenou meu jeito, só me abraçou, e eu me joguei em seus braços. Ele fez a ponte de reencontro, me ajudou na travessia que encontrou a menina. Qual foi o caminho? Ela sempre esteve ali, no profundo.

Então em Jesus eu descansei.

Capítulo 6

Por qual porta entrei? Deve haver uma saída...

Dia do desnascer. Dia do meu aniversário.

Incertezas apartavam-me da vida. Parei para refletir, coisa que até então nunca havia feito. Sempre ouvia falar que o dia do aniversário era propício para reflexões. Presenteei-me com um dia de meditação e análise desavergonhada de minha vida. Um dia no qual questionei tudo o que eu era, o que vivia e, principalmente, o que eu não estava vivendo nem usufruindo por qualquer motivo.

Aquele aniversário foi a causa dos descobrimentos. Comecei departamentalizando, dividindo minha vida como se ela fosse feita de várias partes. Vida sentimental, financeira, familiar, profissional, espiritual, e assim por diante. Que falta de psicologia! Ou seria de administração?

Minha vida profissional estava indo bem: trabalhava em uma grande empresa, tinha um bom salário e grandes desafios pela frente, apesar de não estar realizada profissionalmente e viver sob pressão.

Minha vida familiar era rasa, externa. A superficialidade era a preferência da família para viver bem. Uma vez que a hipocrisia nos impedia de conviver profundamente, também nos impedia de brigar, discutir e nos odiar. A cerimônia e a inibição nos impediam de sermos íntimos, de termos maior cumplicidade, e nos deixavam longe da estreiteza de ser família. Minha apatia e meu desinteresse por eles eram, algumas vezes, propositais.

Refletir me faz voltar a lugares desprezados, ouvir minhas opiniões.

O tema da minha vida não agradaria a ninguém, por isso seria melhor que não soubessem de nada. Ler o roteiro faria com que entendessem a trama.

Alguns breves momentos de comunhão e festa disfarçavam meu distanciamento.

Minha “vida” sentimental era uma montanha-russa. Relacionamentos por sexo, medo de ficar só, necessidade, embriaguez, burrice, conveniência, influência. Já havia me submetido a todo tipo de relacionamento na ânsia de que algum desse certo. O corpo alheio, que para mim era alvo de prazer, nem sempre me trazia algum sentido.

O que era certo num relacionamento? Companhia? Desejos? Necessidade? Se eu tivesse deixado de lado os valores em que acreditava, provavelmente alguns teriam sido melhores. Mas eu não conseguia fingir não me importar com a lealdade e com a fidelidade. Na área sentimental, um sinal vermelho se acendia; era uma área indefinida, a ser repensada. Estava sem controle sobre a necessidade de amar e ser amada. Dia agitado de devoluções e novos parágrafos. Era a minha vida sob a luz interrogatória.

E minha vida espiritual... Vida espiritual? O que era isso? Ela não existia, a não ser por minha hipocrisia e religiosidade em repetir ocasionalmente o nome de Deus em qualquer situação. Isso me dava o direito, eu pensava, de ser filha dele, de desfrutar das suas bênçãos, de ir para o céu, de ser feliz, de ter um carro, de ter as orações respondidas, de receber promoções, de, de... Como se o nome de Deus fosse uma palavra mágica, como se Ele fosse um gênio da lâmpada, como se tivesse entregado seu filho para morrer na cruz para que eu o acionasse somente nos apuros, e não para me relacionar com Ele.

Duras conclusões. Perguntas com pressa de serem respondidas sobre uma vida sem teorias. Difícil admitir alguma coisa para mim mesma. Longo dia aquele de reflexão.

Existia uma comunhão a ser revivida, e só a dor faria com que eu me reaproximasse dela. Nada de doces, salgadinhos ou balões. Acho que foi a primeira vez que me levei a sério.

A quem devo contar meus segredos? Neste mundo eu conto para mim mesma, mas não conto nem comigo mesma. Não suportei as perguntas.

Deus me ajude.

Acho que foi a primeira vez que percebi o descaso que tinha comigo e

com minha vida. Até aquele dia, eu estava fugindo. Um encontro com meu eu, com minhas mágoas, minhas frustrações, traumas, contestações. Eu fugia daquele tempo, de ter que parar para entender minha vida, considerar o que se passava comigo.

Enquanto isso, eu distraía minhas interrogações esperando que evaporassem. Reprimia, escondia minhas tristezas como se fizessem parte da vida e não houvesse saída para elas. Acomodava-me com a certeza de que aquilo era o melhor que eu poderia receber.

Olhei pra trás...

Os momentos foram bons enquanto duraram. Todos tiveram prazo de validade, eu sabia, eu fingia. Queria que durassem para sempre. As decepções constantes também me fizeram parar, pensar. Mas e toda a minha doação, minha atenção, meu amor, meus gastos? Tudo em busca do amor, mesmo que eu não soubesse defini-lo. Que me fizesse feliz enquanto durasse, e que durasse até eu dispensar.

Vida cheia de vazios. Alguma coisa estava muito errada. Em minhas meditações, percebi que as pessoas com quem havia me relacionado eram boas. Mas também percebi que com todas algo dera errado. Nenhuma era culpada; buscávamos a mesma coisa. Percebi que, mesmo quando eu dizia que as amava, e mesmo quando ouvia que era amada, não estava plenamente feliz.

Algo faltava. O que poderia estar faltando? Diversão? Distração? Um homem? Não. Não pensava em homens. Ora, o homem mais importante da minha vida, meu pai, até então me faltou, por que eu me interessaria por outro? Os homens na minha vida sempre faltaram, até o dia em que, sem perceber, parei de olhar pra eles.

Cada menina, cada mulher com quem me relacionei foi especial. Entendi que, mesmo todas sendo especiais, e por mais que se esforçassem, não conseguiam me completar. Havia ali um grande problema. Um problema que não estava nelas, nem em mim, mas em algo. Elas não sabiam dessa falta, dessa carência, nem eu. Até que parei para refletir...

Gostava de me relacionar com mulheres. Gostava da parceria, da cumplicidade, do afeto, do toque, de tudo. Mergulhava nos relacionamentos

com profundidade, buscando preencher um vazio. Saía deles depois de um tempo porque não preenchiam nada. Não eram estáveis, sólidos ou seguros.

Minhas expectativas homossexuais estavam frustradas. Sexo não era mais suficiente. Só carinho também não. Estar com uma mulher linda e cobiçada para manter o *status* também não funcionava mais. Festas com amigos queridos e boa música não bastavam. O incrível mundo *gay* que até então eu defendia com unhas e dentes para mim não era mais suficiente.

Ainda existia uma vida: a minha.

Pensei que meu pecado era grande demais, feio demais, que eu estava encrencada até o pescoço com Deus. Eu podia até não falar para ninguém, mas me preocupava com minha reputação perante Ele. Concluí que estava vivendo numa grande esteira de vaivém, repetindo cenários que nunca tinham um final feliz.

Quando vi que minha história se repetia, que minha vida estava andando em círculos, que minhas experiências estavam se tornando um amontoado de conquistas repetitivas, que eu não compreendia plenamente o que estava vivendo, constatei que havia algo de errado. Precisava de explicações.

Consumidora dos prazeres do mundo, das bebidas, da cocaína, do sexo, das casas noturnas, das baladas e dos relacionamentos superficiais, “curti” muito, ou melhor, me perdi muito; experimentei motel, bordel, coquetel; me diverti com as loiras, as morenas, as mentirosas, as honestas e algumas dissimuladas; sofri pelas românticas, pelas modernas, pelas deselegantes e pelas apáticas; me distraí com as sem nome, as sem profissão, as sem caráter e as sem necessidade alguma.

Eu me relacionei com viciadas, cultas e mal-humoradas. Andei em academias, mesas redondas, universidades e botecos. Vendi algodão-doce, sofri quatro acidentes e gastei muito com presentes. Tive amigos da máfia, da reza, do bingo, do teatro e da política. Fiz dança, simpatia, roda de samba e concurso. O cabelo já foi branco, vermelho, *pink*, verde e azul. Fui chamada de pivete, sapatão, gostosa, adúltera, garoto e bastarda. Já sonhei em ser cantora, professora, conferencista e homem de terno e gravata. Pensei em mudar de país, de sexo, de nome e de mundo.

Sim, isso tudo gritava dentro de mim e pedia uma resposta, uma

mudança. Uma necessidade urgente de mudar ecoava.

Quando eu pensava que era um menino, falava como menino, me vestia como menino, desejava como menino. Mas havia chegado o tempo de deixar para trás as coisas de menino. Porque quando eu me olhava só via uma parte, só enxergava o comportamento alterado de mulher. Contudo, quando comecei a ver por completo, entendi que existia uma mulher em mim querendo viver. Já estava na hora de abandonar as coisas de menino, de me resgatar.

A porta estava aberta para sair.

A provocação me provocou, a investigação me investigou.

A multidão olhava sempre para o mesmo lugar. Consegui olhar o que não era óbvio, consegui olhar além da multidão. Eu busquei, subi na árvore e enxerguei. Passei a enxergar fora da gaiola.

Às vezes pensava que estava no corpo errado. Na mente, um homem de 30 anos; no corpo, uma mulher de 20. No banheiro feminino, algumas vezes fui impedida de entrar. Não me lembro de me orgulhar disso. “Para fora”, me diziam as senhoras do vestiário. Ora, eu sabia quem eu era: eu era um homem preso num corpo com seios e útero de uma mulher. Eu sabia quem eu era. Pelo menos eu achava que sabia e acreditava cegamente nisso.

Curvas? Eu me envergonhava de ter. Com alguns membros nem sabia o que fazer. Seios, para que? Estavam sobrando. Ao mesmo tempo, outras partes não estavam ali, estavam faltando! Mas a ideia de providenciá-las definitivamente, de modo irreversível, já rondava meus pensamentos.

Eu pensava ser uma vítima. As vítimas ficam cegas e despejam sobre o mundo as insatisfações da sua alma. Vítima da sociedade. Vítima das injustiças. Vítima das circunstâncias. Pensava que Deus havia cometido uma injustiça comigo, injustiça que eu me via no direito de reparar buscando recursos.

No meu novo mundo, o cabelo comprido não durou muito; ele não se encaixava na minha nova personalidade. O cabelo curto confirmava o homem que eu acreditava “morar” em mim, ou pelo menos me assemelhava a ele. Meu comportamento sem dúvida já não era mais o mesmo. O jeito de caminhar, a postura, os hábitos, tudo se adaptou ao meu novo e colorido

universo. Igualar-se a um grupo para poder participar aconteceu inconscientemente.

Toda a minha personalidade original de menina estava se desconstruindo, desfazendo-se para assumir e adquirir novos comportamentos e maneiras de ser. Minha voz havia mudado, minhas roupas aumentado de tamanho. As curvas atrapalhavam minha imagem.

Havia algo muito errado. Mas como eu poderia mudar qualquer coisa em minha vida? Àquela altura? Depois de tantos anos vivendo assim? Como mudar algo que eu nem sabia o que? Só sabia que aquela vida não cabia mais em mim. Como sair de tudo aquilo se tudo aquilo estava em mim?

O silêncio não poderia mais ser minha opção. A vida abundante chegou até mim naquele dia e exigiu uma prestação de contas sobre o que eu estava fazendo dela. A vida estava me instigando a sair da arquibancada e assumir as rédeas, o roteiro. Estava me chamando a pensar meus próprios pensamentos, a construir minha própria história. A vida me convidava a desistir da minha personagem, a deixar de lado minha máscara e parar de construir um muro torto; a começar tudo de novo, do zero, do nada, do nenhum, sem ninguém, sem cópia, sem cultura, sem influência, com clareza, com transparência, com identidade: a minha identidade.

Em mim, uma cabeça confusa, carente e desesperada. Contava os meus segredos para mim mesma, e refletia em prantos sobre o que havia confessado. No meio de tanta angústia, clamei:

“Deeeus!! DEUS!! DEUS! DEUS... Fale comigo! Fale... Que vida é esta? Foi para isso que nasci? Para viver numa redoma de angústias e incertezas? Para viver fatigada um busca de adequações eternas? Para viver em névoas que ocultam minha esperança?

Cada tormento em minha vida já teve o seu tempo!

O Senhor é o dono das respostas... E das perguntas também.

Deus, agora que descobri as perguntas, preciso que fale.

O que eu já não fiz na vida? O que ainda não vivi? Deus, o que já não experimentei com meu corpo, o que já não vi com meus olhos e do que já não participei, não usufrui, não consumi?

Deus, o que ainda não fiz nesta vida? Responda! Já fiz de tudo, já provei

de tudo, não me privei de nada.

Tudo é inutilidade.

Tudo é vaidade.

Não tenho mais o que fazer... Não há nada de novo. Nada que me faça ter esperanças. Existe um vazio em mim. Não no corpo, mas na alma.

O Senhor não me responde.

Preciso de um lugar para descansar minha dor, meu vazio. Ela não cabe num ser humano.

Não responde...

De fato que não existe nada que eu ainda não tenha vivido nesta vida. Foi como pensei. A vida é isso mesmo. Um verdadeiro desapontamento para mim e para outros. É um cansaço que vai aumentando no meio do caminho. É dar a cada um o que se merece. É desprovida de alegrias e superabundante de um medo de que não conseguimos nos proteger.

É isso que o Senhor tem a me dizer?

O silêncio?

Parece que não tenho mais esta opção.

Bem, Deus, parece que o Senhor está mesmo ocupado. Mas hoje é o dia do meu aniversário e não vou passar por ele sem que algo aconteça. Muito já aconteceu até aqui e hoje quero mudanças.

O Senhor não vai me responder?

Vou procurá-lo, incomodá-lo, questioná-lo na sua casa até me atender, até eu me entender. Vou à sua casa encontrar as respostas para minha vida. O fato é que não aceito mais esta vida sem vida. Cansei de ser *gay*!

Vamos fazer um acordo, firmar um compromisso. Vou lhe propor algo: frequentarei sua casa por alguns meses e o visitarei somente nos finais de semana, como a maioria das pessoas faz. Irei durante esse tempo a sua igreja e aguardarei receber do Senhor uma resposta sobre a minha vida.

Não gosto de ritos, cerimônias, regras. Não gosto da religiosidade dos homens. Não gosto dos dias sagrados, momentos sagrados, lugares sagrados. Não gosto da hipocrisia dos religiosos, dos seus dogmas e de sua lista de regras a serem cumpridas. Não gosto dos críticos carolas, muito menos dos religiosos que se consideram cristãos. Não entendo a mente dos que querem

instigar um relacionamento com o Cristo através de uma lista de normas. Mas está tudo certo. Vou me submeter a isso, pois também entendo que sua igreja pode me auxiliar nesse relacionamento. Eu acho.

Então não vou lá participar de nada dessa palhaçada. Vou lá para buscar um relacionamento com o Senhor, pois só assim terei minhas respostas. Se o Senhor tiver uma resposta para mim, o que eu duvido, se tiver algo de novo para me apresentar, algo neste mundo que ainda não tenha vivido, darei a oportunidade de me mostrar neste período. Estou lhe dando a minha palavra, mesmo que não valha muito, mas quero saber do Senhor o que existe de novo neste mundo para mim.

Só mais uma coisa, Deus. Vou participar dos cultos, mas não vou parar de beber, nem fumar, nem sair, nem vou largar minha namorada por isso, ok? Vou deste jeito mesmo, como estou agora. Só como garantia se o Senhor falhar.

Negócio fechado, pois este dia foi longo demais!”

Caminhei rumo ao desconhecido sem qualquer razão, argumento ou esperança. O que eu sabia era que não queria mais reagir à vida que havia ficado para trás. Até então, havia aprendido que os ignorantes eram aqueles que não tinham estudado. Descobri que existia outra classe: a minha.

Depois de quase trinta anos de vida, eu nasci.

Quando disse a ele “cansei de ser *gay*”, Ele respondeu: *venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso.*

E essa foi a primeira resposta.

Capítulo 7

Meu orgulho

*Orgulho das luzes, dos cheiros, do som.
Orgulho das cores, do luxo, da exibição.
Orgulho das festas, dos jogos proibidos, da inquietação.
Orgulho da admiração, da fama, da reputação.
Orgulho do prestígio, da alegria, da fantasia, da exposição.
Orgulho dos pequenos grandes momentos de excitação.
Orgulho da inconstância, das incertezas e divagações...
Orgulho das conveniências, das amizades rasas, das ocultações.
Orgulho dos perigos, moléstias e perturbações.
Orgulho de ter certeza mesmo sabendo que não era verdade.*

*Orgulho de uma família que não se construía.
Orgulho de alimentar o fantasma do medo.
Orgulho da superficialidade, das aparências, da exterioridade.
Orgulho de estar só numa multidão que não sabia para onde estava indo.
Orgulho de não contrariar as ideologias; isso me levaria ao isolamento.
Orgulho de estar alienada sobre meu comportamento.*

*Orgulho de ser censurada.
Orgulho de camuflar a insegurança.
Orgulho da falta de aceitação.
Orgulho do medo da rejeição.
Orgulho da rejeição familiar e pública.
Orgulho da necessidade de agradar os outros.
Orgulho de uma falsa identidade.*

Orgulho de não controlar meus próprios desejos.
Orgulho de ser escrava dos próprios desejos.
Orgulho de sabotar meus sentimentos.
Orgulho da insaciável busca de ser “perfeita”.
Orgulho da ilusão de fazer sucesso.

Orgulho de crer nas próprias mentiras.
Orgulho de dar importância àquilo que era ilusório.
Orgulho da necessidade de ser aprovada.
Orgulho de esconder o vazio interior.
Orgulho de não querer enxergar a própria escuridão.
Orgulho de não admitir estar perdida.
Orgulho de estar sempre insatisfeita.

Orgulho de contabilizar meu valor pelas pessoas com quem me relacionava.
Orgulho de usar o melhor perfume para frequentar os piores lugares.
Orgulho de exibir um órgão que não possuía.
Orgulho de negar minha própria essência.
Orgulho de fingir que estava tudo bem o tempo todo.
Orgulho de crer em tudo e não confiar em nada.
Orgulho de viver na sombra de alguém que eu não era.
Orgulho de não querer intimidade comigo mesma.
Orgulho de não querer saber a verdade sobre mim.

Orgulho do autoengano.
Orgulho de encobrir meus traumas.
Orgulho de fingir que não possuía.
Orgulho de viver sempre a mesma vida.
Orgulho de não querer mudar.
Orgulho de ser conformada.
Orgulho da mentira de ser bem resolvida.

Orgulho de extrair da vida qualquer coisa passageira.

Orgulho de não reconhecer minhas fraquezas.
Orgulho de me sabotar.
Orgulho de me colocar no lugar de vítima.
Orgulho de deixar meu passado e minhas inquietações intocáveis.
Orgulho de não me permitir viver um futuro diferente.
Orgulho de não acreditar no futuro diferente.
Orgulho de uma fachada linda para um depósito de entulhos.
Orgulho de viver na defensiva para não mostrar meu verdadeiro eu.
Orgulho de não saber quem era meu verdadeiro eu.
Orgulho de não saber por que fazia determinadas coisas.
Orgulho de não confrontar minhas inquietações.
Orgulho de não querer me redescobrir.
Orgulho de odiar-me por ser “assim”.
Orgulho de viver um estereótipo do que eu queria ser, mas nunca seria.
Orgulho de achar que esse estereótipo era melhor que o original.
Orgulho de não dar uma chance ao original.

Orgulho de não saber quem vivia dentro de mim.
Orgulho de justificar os fracassos o tempo todo.
Orgulho de acreditar nas mentiras sem questioná-las.
Orgulho de não desconfiar nem um pouco de que tudo isso tinha saída.
Orgulho de estar num emaranhado de confusões emocionais.
Orgulho de fingir que não estava.
Orgulho de viver de expectativas frustradas.
Orgulho de viver o limitado. O curto. O impulso. O passageiro.

Orgulho de não admitir que precisava do amor de Deus.
Orgulho de não admitir minha tristeza e solidão.
Orgulho de nada me ser suficiente.
Orgulho de viver os momentos sem nunca experimentar a totalidade.
Orgulho de ser uma marionete na mão da sociedade.
Orgulho de não tomar as rédeas da minha própria vida.
Orgulho de viver na superfície sem nunca experimentar as profundezas

por medo do mergulho.

Orgulho de pensar que a vida se resumia a isso.

Eu e meus orgulhos.

Capítulo 8

Da rejeição à autorrejeição

Viver no mundo das ideias ou da imaginação era um jeito de negar a realidade. Era assim que, numa vida de máscaras, eu ia sobrevivendo. O que eu sabia de mim e sobre mim era quase nada perto das profundezas que se ocultavam.

Retirar a máscara e encarar o mundo real não era para qualquer um; afinal, minha máscara sem dúvida era mais atraente e menos dolorida do que minha vida autêntica. Ela reduzia a dor da não aceitação que eu cultivava por mim mesma e mantinha em segredo minha face, que estampava uma garota confusa. Ela me escondia de todos. Ninguém conseguia me achar, nem eu mesma. Era um vício viver sem dor, sem confrontos, sem questionamentos; era um vício ocultar minha precariedade, sobreviver mostrando aos outros quem eles esperavam que eu fosse. Sem minha máscara, eu teria que encarar a mim e a sociedade; sem ela, eu teria que assumir a vida na qual era fugitiva sem nem saber o porquê. Fugir é algo que está em nós, ninguém nos ensinou. Fugir do problema e fingir que não existia estava estampado no meu rosto escondido por minha máscara sem *blush*, sem reflexo e identidade.

Além de ter que suportá-la, ela exigia constante manutenção. Doía-me e exigia-me muito mais ter que maquiá-la todos os dias do que sofrer as consequências de retirá-la e tratar minha cara pálida e desajustada. Vivia uma identidade efêmera, moldável e adaptada; adaptada à demanda do momento, da curtição, mas longe da solidez desejada e segura.

Quem eu era? Em que espaço estava ou em qual queria estar?

Viver na imaginação de quem eu não era, ou seja, sustentar minha máscara era mais trabalhoso do que ter que encarar a verdade de quem eu era: uma mulher não construída plenamente.

Aquela falsa face era uma nova personalidade criada por mim inconscientemente para me sentir forte, corajosa, e para esconder meus problemas emocionais, minha falta de aceitação por mim mesma. Ela servia para me afastar da interrogação, o que me deixaria mais infeliz, solitária e deprimida.

Depois de tanto esforço para manter-me longe do meu verdadeiro eu, veio o fracasso. Cansei da falsidade. Assumir o cansaço deu início ao sucesso no fracasso. Meus maus hábitos e maus comportamentos me levaram àquele fiasco de vida. Resisti muitos anos tratando da minha superficialidade e negando minha essência. Fracassei, cansei. Cansei de me retocar, de acordar e vestir *o bigode*. Cansei de olhar para o corpo de outras mulheres e esquecer que também tinha um. Cansei de olhar para as bundas e esquecer que também tinha uma.

Minha verdadeira identidade estava sufocada pela cueca apertada e pela imposição de ser “livre”. Sim, eu ouvia: “Seja o que for, mas seja livre!” Seja uma alienada, mas seja livre! Seja uma marionete, mas seja livre. Na busca de ser livre, eu estava cada vez mais aprisionada, cada vez mais distante de mim, cada vez mais achando que as verdades estavam em opiniões alheias. Uma vida praticando ser quem eu não era. Uma vida fugindo de quem eu deveria ser. Uma vida gritando e discordando de Deus.

Identidade? Quem precisa dela? Eu preciso. Identidade tem quem sabe quem é. Identidade busca quem um dia a perdeu. Perdi minha identidade. Quem sabe, jamais a tive.

Dizer à mulher que existia em mim que ela não existia era uma contradição. Era um conflito instalado em minha mente. Negava o que era e assumia o que não era. O que eu negava em mim diminuía e quase sumia: ser mulher. Eu queria que ela sumisse, se desconstruísse. Queria consumi-la, abafá-la, ignorá-la. Por isso, eu a tratava como se ela não estivesse ali.

O que eu forçava em mim se aprimorava: ser um homem. Mesmo sabendo que nunca seria. Poderia pensar ser um homem e até mesmo cultivar a convicção de que era um, mas precisava de muito mais que convicções e ideologias para me tornar um. Mesmo sabendo que o mundo todo poderia olhar para mim e ver a aparência construída de um homem, lá no fundo eu

nunca deixaria de ser quem eu realmente era: uma mulher.

Fisicamente, eu era um moleque. Mentalmente, eu era uma garota. Ideologicamente, eu era tudo e não era nada. Deixar uma mente mutável escolher o que quer ser não foi uma boa ideia para mim. Não se luta contra Deus. Eu poderia ter entendido isso bem antes; antes de tentar ser algo diferente do que Ele planejava.

Deus criou uma mulher para exercer seu papel em todas as áreas, e eu tomei emprestada uma máscara para não viver o que eu era. Acho que não tive minha identidade afirmada, assegurada, consolidada na infância como deveria. Parece que minha infância construiu alguém vazio e confuso, parece que faltaram confirmações acerca de quem eu era.

Meus modos quando criança enunciavam fatos incertos e duvidosos sobre uma garota que não parecia que se tornaria mulher plenamente, muito menos homem. Dessa forma, eu podia ser qualquer coisa: podia ser uma cópia, um moleque, uma dama. Como não sabia quem eu era, eu era todas as coisas. Jogava futebol com os garotos da rua e adorava papel de carta. Colecionava latinhas de cerveja e vestia saia rodada. Gostava de olhar para os meninos, por alguns até me apaixonei, mas era utopia pensar que eles olhariam para mim. Como tinha que ir vivendo, fui tomando a fala de um, o gosto do outro, as ideias de uma multidão e uma máscara colorida para disfarçar minha falta de identidade.

Deus me criou para ser mulher, minha sexualidade foi escolhida por Ele. O amor não começa em nós, começa nele e é derramado em nós. A vida não começa em nós, começa em Deus, que nos dá o dom de viver. Assim como recebi a vida de presente, recebi a sexualidade de mulher.

Depois que terminei meu último relacionamento, fiquei um tempo sozinha. Estava cansada de algumas coisas que se repetiam. Eu gostava de sair e estar entre amigos, mas já andava nessa estrada em círculos havia 12 anos. Minhas expectativas de casar e ter uma vida estável se fragmentaram pelas várias experiências frustrantes, pela falta de esperança nelas e pelo enorme sentimento de que as coisas poderiam ser diferentes, porém eu continuava ali, estagnada, sem recuar.

Não parava para pensar, mas também não avançava. Ia vivendo de

expectativas que não se cumpriam, de relacionamentos que não duravam, de sonhos despedaçados, de noites de prazer e dias de solidão. Tinha uma fé que não sabia mais em quem depositar; quanto mais alternativas apareciam, mais dificuldades eu tinha de saber quem estava falando a verdade.

Comecei a deixar fluir em mim algumas perguntas que me incomodavam, que insistiam em não desaparecer:

“Existe outro tipo de vida que eu possa ter que não seja este?” “Não”, eu pensava. “Isto é tudo.” “Ser *gay* é meu destino?” “Isto é tudo?” “Então nasci assim?” “Sim” para todas. Era o que me diziam, e eu não buscava outra resposta. “Como sairei desta vida para outra se só conheço esta?” Pensava que era impossível. Quanta complexidade! Ainda bem que eu tinha a máscara.

A vida superficial e divertida era muito mais fácil de viver do que buscar uma imersão e uma tentativa de resgate da minha identidade. Essa vida de dor e sofrimento não era necessária e ninguém merecia passar por isso, eu pensava... Até que resolvi abrir a porta para a luz entrar em minha escuridão e admiti: a minha homossexualidade era uma aflição, uma dor que não me completava fazendo sexo.

Eu olhava para a minha vida e via uma raiz tão longa de coisas mal resolvidas desde a infância, uma estrada tão distante que eu não conseguia mais enxergar o ponto de partida. Como voltar se não sabia onde era o começo? Recomeçar, mas de onde?

Comecei a pensar sobre algumas coisas... Eu era uma mulher. Expressava-me como um homem. Entendi que sexualmente havia nascido mulher. Contudo, meu comportamento estava alterado com relação àquilo que eu nasci para ser.

Comecei a me questionar se tudo o que eu havia vivido na infância não teria uma ligação com meu comportamento, se tudo o que eu havia me tornado até aquele momento não teria respostas arquivadas em meus traumas não resolvidos. Porém havia algo que eu sabia: não havia escolhido me atrair por pessoas do mesmo sexo.

A existência da mulher que eu não vivia, sofreu com o tempo. Desgastou-se, fragilizou-se, perdeu-se. Olhava para o meu passado e via uma situação de

rejeição familiar. Aquilo me intrigou, me inquietou. Passei, então, a buscar respostas, a descobrir umas coisas, a entender outras, e percebi que esse fator influenciou de algum modo meu comportamento (assim eu acredito).

Cresci sabendo que meu pai não me quis e não me desejou, ouvindo sobre o seu desejo de ter um menino em meu lugar. Fui rejeitada por ele antes mesmo de nascer. Ele não queria ter outra filha menina. Não sei o quanto isso o deixou bravo ou entristecido, mas ele já tinha um lindo nome de menino me esperando. Eu não estava incluída no seu plano familiar.

Logo nos três primeiros anos de vida, meu pai saiu de casa e foi morar com outra família que tinha construído. Nesse curto tempo que convivi com ele, não me lembro de nada que me fizesse sentir sua princesa, que me fizesse sentir amada ou protegida por ele, que me desse um referencial de pai. Para compensar a amnésia de amor não suprido, lembro-me da dor da desconstrução familiar quando ele saiu de casa, do abandono que nos proporcionou, do descaso com que nos tratou. Lembro das dificuldades financeiras por que passamos, de ver uma mulher se anular para criar duas filhas sem um marido, de não saber o que dizer na escola quando meu pai não fazia mais parte da minha vida, de não entender por que eu não tinha um pai.

Quando olho nossas fotos, não consigo me lembrar de momentos alegres, de seu comportamento protetor, paternal ou afetuoso comigo e com minha irmã. Depois da separação dos meus pais, veio a distância. Meu pai não estava morto, só longe, porém seu amor por nós havia falecido.

Desde que nos separamos dele, minha mãe instigava nosso bom relacionamento. Em todas as datas comemorativas, ela nos incentivava a ligar pra ele. Empolgadas e animadas na esperança de ouvir uma palavra doce, corríamos para o telefone público perto da nossa casa. A corrida se tornava uma disputa saudável para ver quem seria a primeira a ouvir sua voz. Os números no teclado velho pareciam correr em câmera lenta, enquanto esperávamos ansiosas algum tipo de relacionamento com nosso pai. Mas depois de algumas tentativas, a ligação se perdia de tanto chamar, desistíamos e, mais uma vez, as palavras doces não vinham. Não queríamos pensar, queríamos o amor dele e mais nada. Assim, cabisbaixas, eu e minha irmã voltávamos para casa.

Muitos anos se passaram sem comunicação, sem afeto, sem amor, sem referência, sem paternidade. Como conviver com um pai indiferente a sua existência? Ele não soube ficar, não soube estar, e eu não soube entender.

Eu não precisava conviver com essa dor, então consegui um jeito de minimizá-la: eu o matei. Sim. Dentro de mim, ele começou a ser velado, morto e sepultado. Esse processo durou alguns anos, até eu me tornar indiferente a sua ausência. Na escola, respondia que não tinha pai e que ele havia morrido. No meu coração, abafava uma dor imensurável de não ter tido o prazer de desfrutar do seu amor.

Quando eu tinha 14 anos, ele apareceu na minha cidade para passar ali seus últimos meses de vida. Convivi um ano com um homem que eu desconhecia, não admirava, e que me fazia uma falta que eu não sabia explicar. Ele me faltou mesmo quando presente: foi inexpressivo, indiferente, invisível. Estava lá nos três primeiros anos sem amor, sem dedicação, meramente decorativo. Ele me fez acreditar o quão desvantajoso era ser mulher pelo tratamento que dispensou à minha mãe.

Meu pai não me permitiu ser sua princesinha, sua garotinha, pois nunca estava lá; se estava, era figurante, sem se envolver, sem se aprofundar, sem participar. O que fazer para chamar sua atenção? Ele não era um monstro de quem eu sentia raiva, mas também não era um herói de quem eu me orgulhava. Ele simplesmente existia.

A ausência de um pai em minha vida, da figura masculina, do homem mais importante, do toque, sem dúvida, confundiu algo em mim. Acredito que sua falta tenha limitado e influenciado muitas coisas. A falta do seu amor, do seu carinho, da sua direção, das suas palavras de afirmação para uma garotinha me deixaram um déficit incalculável. Sua ausência me marcou, me modificou, suas palavras me faltaram.

Do legado ficou sua preferência por um menino, e de sua preferência ficou o sentimento de rejeição. Sua herança eu recebi mesmo sem testamento. Recebi sua indiferença por minha existência, sua despreocupação, informações de sua vida boêmia, o testemunho de sua covardia em ser pai. Ele não era um pai ausente devido à separação, mas devido à sua negligência em não tentar, não querer, tampouco se esforçar para participar.

Não recebi sua bondade, sua disciplina, suas correções, sua alegria em estar comigo. Sua rejeição fez com que eu olhasse para mim e procurasse algo de errado que na verdade não existia.

Minha mãe, influenciada por meu pai, ansiava por um menino. O desejo dela era mais em agradá-lo, porém a rejeição também aconteceu. Ouvia isso dos avós e parentes mais próximos. Cresci escutando sobre essa preferência do meu pai e cresci com algo desajustado dentro de mim, com a rejeição sobre meus ombros. Parecia que não pertencia àquela família, que um de nós estava sobrando. E este alguém era sempre eu.

Passei minha infância vendo minha mãe conciliar dois, três empregos para sustentar a mim e a minha irmã. Vivi anos vendo uma mulher anular seu gosto pela vida, seus prazeres, suas preferências, para viver exclusivamente para criar duas filhas. Minha mãe estava presente, mas não nos relacionávamos como amigas ou confidentes. Ela vivia para o trabalho a fim de que este nos sustentasse, e isso não era ruim. Porém, não era o suficiente.

Nunca faltaram o pão, a escola e os brinquedos, mesmo que usados. O cobertor, o alimento, o passeio, a saúde, nada do que necessitava de recursos faltou. Ela sempre dava um jeito. O beijo e o abraço eram gratuitos, e estes não vieram. Eu precisava de um relacionamento emocional com ela, precisava de referências para me tornar uma mulher plena. Infelizmente não as tive.

Não sei onde nos perdemos nesse caminho, não sei onde nem como algo se rompeu. Eu esperava tudo dela, esperava que ela buscasse um relacionamento íntimo comigo e que se esforçasse para ser minha amiga. Eu esperava algo que eu mesma poderia ter feito. O que sei é que cresci tão distante da minha mãe quanto do meu pai. Cresci regando a semente da rejeição em mim até que ela desse fruto.

Logo cedo, aos 12 anos, decidi ajudar no sustento da casa, então fui trabalhar para aliviar um pouco nossos gastos. Tinha vários empregos, e os primeiros eram divertidos, como vender picolé e algodão-doce na rua. Eu e minha irmã comíamos mais doces do que vendíamos e às vezes fechávamos o dia no prejuízo. Nos finais de semana, eu ia para meu emprego de “cuidadora” de carros no estacionamento do cemitério. Era o que me gerava

menos renda, além de me deixar em pânico no horário de expediente, porque eu pensava: “vai que algum falecido resolve sair para passear no meu horário de trabalho?!” Algumas vezes eu fazia *freelancer* em frente ao supermercado do bairro ajudando as idosas a levar suas compras para casa. Não era uma boa ação, era puro interesse. O pagamento desse honroso serviço era de todo tipo: bolo de milho, copo d’água, piada, oração e algumas conversas fiadas para me enganar. Eu aceitava todas.

Quando não tinha trabalho, eu saía pedindo dinheiro na rua. Minha mãe nunca soube dos meus ofícios, muito menos deste. Aprendi que valia pedir de tudo, tudo o que viesse era lucro, então pedia dinheiro no ponto de ônibus, vale-transporte, oração, informação, cerveja, bênção... Até que um dia resolvi pedir dinheiro a um parente que foi fazer compras em frente ao supermercado onde eu ajudava as senhoras. Não foi uma boa ideia; ele me dedurou, e minha fonte de renda clandestina que eu movimentava aos 12 anos acabou. Nessa ocasião, minha mãe carinhosamente me bateu.

Aos 16 anos, já estava na hora de sair da informalidade, então comecei como garçoneiro num restaurante da cidade. Fui assumindo uma postura de responsabilidade dentro de casa, um papel de provedora, protetora e guia de um lar disfuncional. Eu sentia uma falta, um desequilíbrio em casa por não haver um chefe na família, um pai presente, supridor e que indicasse o caminho. Consciente ou não disso, quis suprir essa falta. A rejeição em mim ou a impressão que tive dela sobre a minha vida me ocasionaram um histórico de comportamentos alterados desde então.

Agora consigo ver esse quadro desenhado, consigo encontrar explicações que se encaixam, e não tenho como descartá-las. Parece que ninguém escapa da rejeição em algum momento da vida. Parece que não conseguimos nos proteger desse ataque, desse acontecimento. E parece também que cada um reage a ela de maneira diferente.

Algumas pessoas se utilizam daquilo que foram feridas para ferir os outros. Outras usam pedras com as quais foram atingidas para viver na amargura. Outras constroem muros ao seu redor e se tornam inalcançáveis. Outras lançam mão de seus sofrimentos para se tornarem eternas vítimas. Outras, ainda, tornam-se um poço sem fundo de necessidade de amor,

carinho e afirmação. Mas algumas escapam das sequelas da rejeição e tornam-se amorosas e inclusivas, em resposta ao sentimento ruim.

Parece que havia dentro de mim uma mistura de tudo isso, ou seja, um sentimento ruim agregado a outro. Parece que eu havia somado todos e, de um jeito estranho, ia vivendo.

Mas conheci alguém muito especial que reagiu de um modo surpreendente ao desprezo e à humilhação que sofreu: Jesus, o Cristo. Em Isaías 53.3 está escrito:

Foi desprezado e rejeitado pelos homens, um homem de dores e experimentado no sofrimento. Como alguém de quem os homens escondem o rosto, foi desprezado, e nós não o tínhamos em estima.

Os homens o desprezaram e Ele os amou, a ponto de não se lembrar do desprezo, de perdoar as zombarias, de entregar-se, de derramar-se totalmente na cruz por aqueles que o rejeitaram.

No livro *A Raiz da Rejeição*, Joyce Meyer diz:

Você pode realmente rejeitar-se porque alguém mais o rejeitou, e então se torna cheio de confusão e tormento interior. A sua “árvore” começa a carregar frutos ruins da depressão, do negativismo, da falta de autoconfiança, da ira, da hostilidade, do espírito controlador, da crítica, do melindre, do ódio e da autopiedade. Raízes determinam frutos! Frutos podres vêm de raízes podres... e frutos bons vêm de raízes boas.

Meus 12 anos na homossexualidade foram em busca de relacionamentos que suprissem uma falta profunda de amor. Eu tentava resolver minhas carências amorosas sem tentar resolver a causa maior que me levava a fazer o que fazia.

A resposta que eu poderia ter dado à rejeição é muito ampla, mas parece que de todas as formas eu respondia com atitudes destrutivas, mesmo que no momento não enxergasse assim. Meu comportamento sugeriu um modo de preencher o vazio, de me defender dos insultos, da exclusão, do desamor dos outros e, acima de tudo, de me inserir.

Percebi que minha resposta não deveria ser mais aquela, uma vez que tive o entendimento acerca das coisas. Não poderia mais usar minha vida de maneira desmedida ou inconstante para justificar alguns acontecimentos.

Quem sabe se eu assumisse o papel do meu pai seria amada e querida por todos? Eu não programei isso, mas aconteceu. Minha mãe era provedora, mesmo que eu achasse que não. E ela não precisou se tornar um homem para assumir esse papel.

Sentia-me insuficiente em ser mulher. Passei a ter raiva dos homens heterossexuais; eles me geravam desconforto. Talvez porque eu quisesse ser um deles. Talvez porque quisesse ser interessante para eles, chamar sua atenção, ser desejada. Talvez porque, em meu inconsciente, existia um homem, meu pai, que não havia tratado bem minha mãe, que não havia me amado, então fiz da figura masculina alvo de ódio e desprezo.

Negocieei minha vida, oculte minhas emoções. Desejei pessoas iguais, busquei o amor em partes. Acorrentei minha alma a outros. Vivi o avesso. Quis me recriar, me refazer, me sustentar. Tornei-me dependente, carente, inconsciente, minimizada, culpada, falsificada e sensível. Sensível e ofendida demais para alguém que queria enfrentar o mundo com suas ideologias. A rejeição me fez usar uma identidade que não era a minha. Eu poderia ser presa por isso!

A vida não parou para que eu pudesse me entender, me conhecer ou olhar à minha volta. Ela não parou para que eu compreendesse meu contexto, discernisse que minha atração por mulheres poderia ter vindo de um amor não vivido na infância, de problemas familiares, ou sequer desconfiasse de outra coisa.

Onde lançar, despejar, esvaziar e suprir esse amontoado de emoções, esse tumulto interno de faltas e desorientações? Onde buscar reparação para o buraco emocional? É preciso buscá-la? Eu busquei. Então foi proposital? Não, não foi.

Se eu tivesse escolhido me tornar homossexual, minha escolha não deveria então sustentar-se por si mesma? Por que eu precisava de aprovações? Sim, eu as buscava. Buscava afirmações, fundamentos e certezas. Se tivesse sido uma simples escolha minha, por que eu precisaria da

aprovação da sociedade? Dos amigos? De Deus?

Não foi uma escolha. Isso explicava minha insegurança, vulnerabilidade e irritação com a falta de aprovação. Eu queria ser amada. Então veio o escape para exercitar o que chamamos de amor, para remediar. Ele estava mascarado, assim como eu.

Depois de 12 anos numa vida que não planejei, eu me permiti desvendar a minha história. Resolvi tirar as máscaras: a minha e a do meu desejo.

Quanto seria o preço de outra vida? Incalculável. Quantas perdas eu somaria? Quanta mudança isso causaria? E o meu gosto por garotas, quem mudaria? A nova vida estava sufocada em mim pela sombra e pela máscara que me afastava da dor. Dor do desconhecido, do oculto, da liberdade da minha identidade.

Buscar resolver, descobrir e enfrentar as situações que um dia vivenciamos não se trata de descobrir culpados ou inocentes. Podemos, inclusive, descobrir somente coisas irrelevantes. Porém, podemos encontrar algumas respostas importantes, como no meu caso. Algumas descobertas me fizeram olhar com outros olhos para o que eu sempre via, mas não entendia. Trata-se de reconciliar-se consigo mesmo e, então, começar uma nova vida.

Nas conversas com amigos e conhecidos, soube de algumas histórias que eles mesmos contavam sobre seus traumas de infância e adolescência. Ouvi sobre abusos sexuais que sofreram, abandonos em orfanatos, rejeição dos pais, e muitas outras coisas às quais foram expostos. Podia sentir sua mágoa, sua dor mesmo depois de anos. Hoje penso se essas histórias não poderiam ter desencadeado algo que foge ao meu raso entendimento.

Conheci também algumas mulheres que tiveram grandes decepções com o marido e procuraram consolo, afeto e carinho nos braços de outras mulheres, inclusive nos meus.

Não estou afirmando que todas as crianças que cresceram em um lar disfuncional ou sofreram abusos e rejeição, ou, ainda, viveram em orfanatos terão sequelas ou comportamentos distorcidos. Também não estou afirmando que todas as pessoas que passam por alguma dessas situações se tornam homossexuais. Apenas estou relatando alguns casos que vi e ouvi e que, no mínimo, me deixaram curiosa sobre o desfecho desses traumas na vida

adulta. Prova disso é minha irmã mais velha, que passou por diversas situações semelhantes a minha na infância e não teve alterações em sua sexualidade.

Qualquer que seja o vocabulário para articular a condição em que o ser humano se encontra, ou qualquer que seja a justificativa para viver de determinada maneira, uma coisa é certa: poderíamos nos questionar a respeito de uma felicidade desconhecida por nós, de uma felicidade ainda não desfrutada e que poderemos perder se continuarmos a desconsiderá-la como possível.

Então, seja por influência de problemas familiares, como eu acredito ter sido o meu caso, seja por “escolha”, como afirmam alguns amigos *gays*, ou por acharem que “nasceram” assim, como dizem outras pessoas, acredito que, independentemente da condição sexual que vivemos, deva existir sempre uma suspeita, mesmo que fique adormecida por anos, de que as coisas podem ser diferentes se assim desejarmos.

Enquanto estamos vivos, devemos buscar aprender e conhecer nossa própria história. Aprendi sobre mim muito mais do que imaginava quando rompi a barreira do medo.

A máscara hoje não mais existe. Quanto mais eu gritava ao mundo minha resolução, minha determinação e a certeza de ser quem eu era, mais estampadas ficavam minha insegurança e necessidade de apoio.

Hoje me exponho a todos e àquele que me amou sem máscaras, sem medos, sem proibições, sem restrições, sem parcialidade, sem temor, sem incertezas. Hoje vivo no seu amor, na sua força, na sua alegria, na sua liberdade, na sua paz, no seu sangue, na sua graça.

Jesus morreu por mim e por você não para vivermos de máscaras, mas para vivermos nele.



Capítulo 9

Um amor que não quer me levar pra cama

Eu sabia que era tempo de algumas mudanças profundas acontecerem. O lugar de vítima das circunstâncias sem dúvida era melhor do que ter que olhar para mim e buscar compreensão. Desde o início foi assim. Ninguém quer olhar para si a fim de encontrar as respostas; é doloroso. Em Gênesis 3 está escrito que Adão jogou a culpa da desobediência na mulher, que, por sua vez, culpou a serpente, e esta, conseqüentemente, riu dos dois.

Viver tentando se esquivar dos confrontos e das mudanças é o mesmo que passar a vida ensaiando e afinando a voz sem nunca ter a chance de se apresentar. Era assim que eu sobrevivía.

Num dia não tão distante, tomei a maior e melhor decisão da minha vida: desistir de viver sem Jesus. Decidi parar de fingir que Ele não existia. Acima de todas as coisas que pudessem acontecer, estava decidida a sustentar minha decisão de viver com Ele. Cansei de viver uma solidão acompanhada, uma vida morta, uma convicção duvidosa, de preencher meus vazios existenciais com outras pessoas tão carentes quanto eu.

Sempre soube que Jesus existia, sabia de ouvir falar, não de conhecer. Decidi conhecê-lo profundamente, saber mais sobre sua morte na cruz, aquela que todos diziam ter sido por mim. Decidi deixar Ele me conhecer, deixá-lo ser íntimo a mim, a ponto de contar meus segredos e chorar minhas angústias. Decidi convidá-lo para fazer parte da minha vida profissional, familiar, financeira e sentimental. Decidi expor meus relacionamentos a Ele e permitir que entrasse em cada quarto escuro do meu coração. Decidi contar-lhe que eu namorava meninas, como se Ele já não soubesse...

Eu estava decidida: não queria mais a homossexualidade. Resolvi parar de me enrolar, de me reprimir, de me sufocar. Pela primeira vez estava tentando ser honesta comigo, admitindo para mim mesma que não era feliz. Estava cansada de fingir uma alegria superficial. Decidi chorar essa decisão aos pés de Jesus. Decidi deixar Ele entrar no meu secreto e conhecer todos os cantos da minha alma flagelada. Lá, Ele encontrou o que eu já sabia: um relicário que guardava uma vida enganosa demais para deixar vir à tona. Manter-me enganada me protegia do mundo, das mudanças, dos outros, de mim mesma.

Aquilo era tudo o que eu tinha e o que eu era. Mas como não gostar do que meu corpo desejava? Eu não queria ter afeto por mulheres, mas aquele sentimento estava em mim. Como mudar? Eu não via saída para deixar a homossexualidade. Tomei outra grande decisão: não pensar mais nessa resposta. Decidi confiar que Deus responderia e agiria no seu tempo.

Por muitos anos pensei ter nascido *gay* e vivi acomodada nessa certeza irreal na qual até então acreditava. Os dias passavam, os relacionamentos acabavam, as festas não mudavam e as amizades não mais me sustentavam.

Como relatei, no dia do meu aniversário tive uma conversa demorada comigo e com Deus. Naquele dia, eu o indaguei sobre minha vida e sobre o que ainda havia para mim. Depois daquele momento de reflexão, lágrimas, decisões e ousadia, decidi abandonar meu ceticismo, meu julgamento e minha opinião pelo menos por um instante. Eu não buscava uma religião; buscava um amigo, um pai. E encontrei. Eu me propus a me desarmar do meu criticismo, dos meus pontos de vista, dos “achismos” e a buscar a Deus como nunca havia feito. Conhecer o novo me intimidava. Deixar o certo, mesmo que ruim, era desconfortável. Eu havia passado mais de dez anos fazendo algo que julgava ser bom para mim e a única opção.

Mas como buscaria a Deus? Não sabia como me relacionar com Jesus; aliás, eu mal sabia me relacionar com as pessoas! Pensei, então, em ir a uma igreja, pois entendia que os que estavam lá poderiam intervir e mediar esse relacionamento com Jesus, uma vez que eu não conhecia o caminho. Resolvi participar de um encontro que eles chamavam de “culto” na igreja perto da minha casa, já que havia decidido acreditar em Deus e ver o que Ele tinha

para mim. Fui a um local que acreditava proporcionar esse maior nível de intimidade com Deus por meio da sua Palavra. Tive que deixar meus pontos de vista no estacionamento, pelo menos naquele instante, pois o que eu buscava era imensamente maior do que minhas críticas. Buscava a razão da minha existência, um sentido para minha vida.

Logo nos primeiros encontros de que participei naquela igreja, me fizeram um convite que mudaria totalmente e para sempre minha história. Todos os dias convites batem a nossa porta. Quando os recebemos, temos a opção de aceitar ou não. Alguns são triviais, como passear no shopping ou no parque; outros são habituais, como ir ao cinema. Alguns, por sua vez, são incomuns, especiais, e fazem com que nos sintamos honrados em recebê-los, como, por exemplo, um convite de casamento ou de formatura. Existe, porém, um tipo de convite que poderá mudar nossa vida para sempre. É uma decisão sem volta. É um mergulhar totalmente profundo em uma nova vida. Esse convite nos leva não apenas a prestigiar algo ou alguém, mas nos torna protagonistas do evento. Ele é especial, fora do comum, é superior, é exclusivo, pois é feito individualmente. É privativo. É único. Não há parcialidade nesse convite. Todos o recebem em algum momento da vida, de forma direta ou disfarçada.

O tempo me fez esquecer de que eu precisava do amor de Deus, fez eu me esconder dele.

Aceitar esse convite especial passa pelo crivo da nossa subjetividade. Mexe com nossa zona de conforto, nossa crença sem base. É uma escolha. É uma opção. É uma decisão. É um ato de coragem. É a nossa salvação. Dizer sim a ele é mudar radicalmente o modo de viver e a razão de existir. É gerar mudança no fim de semana, no dia a dia, na madrugada, na vida financeira, nas amizades, na família, no humor, nas perspectivas pessoais, na vida como um todo, na morte.

Esse convite é feito por alguém mais especial que o próprio convite. É feito pelo criador da vida: Jesus. Nele, o Criador se oferece para habitar dentro de nós. Este é o convite: Jesus Cristo se oferecendo para viver em nós... e para sempre. Ele nos criou e agora quer fazer parte da nossa vida, do nosso acordar, do nosso levantar, das nossas decisões, das nossas alegrias e

tristezas, de tudo.

Naquele dia, dentro daquela pequena igreja, esse convite me foi feito. Ele se resumiu em uma frase: “Você aceita não viver mais sozinha, mas ter Jesus com você para sempre?” O convite poderia ter sido por um programa de rádio, uma conversa com um amigo, um programa de televisão ou até mesmo uma leitura como esta. Mas ele foi feito naquela igreja à qual me dispus a ir, mesmo sem muita vontade. Era para todos os que estavam ali, mas nem todos aceitaram. Eu aceitei. Eu quis. Eu desejei. Eu precisava. Era a minha vida que estava em jogo. Era a última cartada. E por meio de uma oração que fizemos, todos juntos, aceitei e recebi Jesus na minha vida.

Foi simples. Foi arrebatador. Eu me derramei. Fui inundada... Fui realmente amada. Passei a vida em busca de um amor que acreditava estar numa mulher, mas, quando o amor de Jesus se derramou sobre meu coração naquele dia, senti verdadeiramente um amor inigualável, algo que só é possível viver quando experimentado por intermédio da verdadeira fonte inesgotável de amor chamada Jesus, o Filho de Deus. Naquele instante, Jesus saiu da minha mente e veio morar no meu coração, onde pude senti-lo, amá-lo, experimentá-lo. Uma sensação de pertencer a alguém que cuidará de você e o amará para sempre. Foi como se depois de uma noite banhada de suor em meio a pesadelos eu tivesse acordado para vida.

Como descrever o indescritível? Narrar o incontável? Explicar o que não se explica? Como expressar em palavras uma experiência sem referencial no mundo concreto? Como tornar palpável o que nunca se viu nem se ouviu? É preciso experimentar, experimentar Jesus. De dentro para fora, tudo mudou. Sem regras, sem pressão, sem confusão. Com amor, com paz, com entendimento. Ele me amou. Ele nos ama.

Por isso, agora quero lhe fazer o mesmo convite. Ele ama você. Um convite pelo qual Jesus fará parte da sua vida de maneira profunda e renovadora. Um convite para uma vida de paz, em que a alegria passa a ser um estado eterno, e não apenas um momento esperado. Um convite em que o amor inundará você e tomará o lugar de todas as suas tristezas. Um convite para começar uma nova vida acompanhada do Senhor Jesus. Um convite pelo qual você receberá o melhor presente que alguém pode receber: o derramar

do amor de Deus.

Você quer uma vida que nunca viu, nunca imaginou? Uma vida especial, plena, abundante, alegre, de paz, amor, bondade, realizações, reconciliação, recomeço, renovo e perdão? Então responda a Ele, ao autor da vida.

Vou auxiliá-lo a responder a este convite. Como numa conversa, Jesus está aguardando uma resposta; Ele aguarda com expectativa que você diga sim. Você pode senti-lo? Sei que pode porque Ele está aí ao seu lado enquanto lê, chora, pensa, sonha, respira. Decida neste instante não viver mais sozinho por toda a eternidade.

Fale em voz alta comigo:

Deus, eu venho a ti e neste dia entrego ao Senhor tudo o que sou.

Senhor, estou cansado e triste e sei que podes aliviar a minha dor.

Sei que és poderoso para mudar a minha vida.

Jesus, eu creio em ti, creio que estás vivo, creio que o Senhor morreu por amor a mim naquela cruz. Creio que o túmulo está vazio, pois o Senhor ressuscitou.

Creio que és o Filho de Deus que veio em carne. Creio que estás sentado à direita de Deus Pai.

Por isso, nesta hora, Senhor Jesus, eu te aceito como meu único Salvador e meu único Senhor e entrego a minha vida a ti.

Senhor Jesus, peço perdão por me afastar de ti, perdão pelos pecados que cometi, não quero mais viver assim. Estou arrependido.

Nesta hora, eu renuncio a toda aliança que fiz consciente ou inconscientemente com as trevas, eu a desfaço e declaro que o Senhor, Jesus, é o Senhor da minha vida, da minha identidade, dos meus sonhos, da minha sexualidade.

Senhor Jesus, peço que escreva meu nome no livro da vida para que eu possa desfrutar da tua presença por toda a eternidade.

Deus, nesta hora eu recebo tua paternidade porque sei que o Senhor me ama como filho, e sou grato pela salvação da minha alma. Recebo, também, o teu Espírito Santo como meu consolador e guia.

Amém.

Deus nunca abandonou você. Ele nunca esteve longe de nós. Eu pensava que Deus não me queria perto devido as minhas práticas e ao meu comportamento. Porém, descobri que Ele nos ama não porque fizemos coisas certas ou erradas, mas porque decidiu nos amar quando entregou Jesus para morrer em nosso lugar.

Jesus disse que não veio para os santos, inculpáveis ou perfeitos; Ele veio para aqueles que estão perdidos e exaustos. Ele disse que veio para mim, que estava perdida e confusa, para os alcoólatras, os mentirosos, os arrogantes, os presunçosos, os corruptos, os autossuficientes, os sonegadores, os egoístas, os ladrões, os hipócritas. Ele veio para todos nós, que não podemos nos salvar. Ele está de braços abertos para perdoar o mentiroso e o ladrão. Deus não faz acepção de pessoas nem escolhe os menos falhos para amar. Para Ele, somos todos iguais.

Deus não usou seu poder para me julgar, mas para me oferecer perdão por meio de seu Filho. A voz imponente de Deus não foi para me acusar de nada, foi para dizer que me amava. Seu olhar para mim foi de compaixão, não de desprezo.

Não conheci um Evangelho de condenação, como existe por aí, mas de perdão, de vida nova, de salvação e de tantas outras boas notícias. Foi para isso que Jesus veio: para que nos relacionemos com Ele, não somente para exercermos atividades impostas pelos homens.

Ele se aproximou de mim quando eu disse sim ao convite feito naquela igreja, quando eu o aceitei e permiti que viesse habitar dentro de mim por intermédio do Espírito Santo. A partir de então, eu me aproximei dele, eu me achei a Ele. E Ele se achegou a mim, não para listar meus erros, mas para derramar o amor que sente por mim. Ele pegou na minha mão, não para me repreender, mas para me conduzir pelo melhor caminho.

Não podemos medir o amor de Deus por nós. Ele transcende nosso entendimento. O único amor que conhecemos é o dos homens nas suas diversas opções. E acabamos fazendo uma comparação desse amor terreno com o divino.

Deus decidiu se relacionar conosco por meio de uma via, de uma estrada, e ela se chama amor, graça, Jesus. Ele poderia se relacionar conosco de várias

formas, visto que é Deus e faz o que quiser. No entanto, quando entregou seu único Filho para morrer em nosso lugar, tirando, assim, todo o nosso pecado de uma vez por todas, Ele estava enviando uma mensagem ao mundo, dizendo que nos ama e que valem a pena.

Não há pecado que Deus não possa perdoar, e não há passado que Ele não possa esquecer. Seu amor por mim e por você supera a razão. É um amor incompreensível dentro do nosso entendimento; não há nada com o que possamos compará-lo na terra para explicá-lo ou entendê-lo. Talvez estejamos vivendo dias desconcertantes e atolados em falhas, pensando que Deus pode não nos amar assim. Talvez pensemos às vezes que nossos caminhos estão tão distantes de Deus que não conseguiremos voltar. Contudo, não existe falha, erro, obra ou pecado maior que o amor dele. Não existe nada de bom ou de ruim maior que o amor de Deus por nós.

E o pecado? Todos pecaram, conforme lemos em Romanos 3.20-26:

Portanto, ninguém será declarado justo diante dele baseando-se na obediência à Lei, pois é mediante a Lei que nos tornamos plenamente conscientes do pecado. Mas agora se manifestou uma justiça que provém de Deus, independente da Lei, da qual testemunham a Lei e os Profetas, justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo para todos os que crêem. Não há distinção, pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente por sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus. Deus o ofereceu como sacrifício para propiciação mediante a fé, pelo seu sangue, demonstrando a sua justiça. Em sua tolerância, havia deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; mas, no presente, demonstrou a sua justiça, a fim de ser justo e justificador daquele que tem fé em Jesus.

Independentemente do que façamos, diz a Palavra, receberemos o amor de Deus, somente por intermédio de Jesus Cristo. Você pode se questionar: “Como assim? Minha salvação não depende de eu ser uma boa pessoa sem pecados?” Não. Porque, segundo o que está escrito na Palavra de Deus, que para mim é a verdade, ser amado, ser filho de Deus, ser salvo não depende do

que eu faço de certo ou errado, mas do que Jesus já fez. Depende de eu aceitar e acreditar que Cristo fez.

Precisamos da intervenção de Jesus por nós perante Deus. Sem ela, não adiantam de nada nossas boas obras. A iniciativa é de Deus; Ele vem nos resgatar por um único meio, que se chama Jesus Cristo. O resgate de Deus consiste em crer em Jesus Cristo.

Eu preciso da fé para parar de acreditar em mim e acreditar em Cristo. Minha mente, até então humanista, pensava: “Depois que eu parar com tudo o que estou fazendo vou procurar Deus, porque, do jeito que estou, não posso me chegar a Ele.” É assim que pensamos muitas vezes: “Depois que eu parar de fumar, de mentir, de ser interesseiro, de ser bajulador, de adulterar, de ver pornografia, de tirar vantagem dos outros, de fingir, vou buscar a Deus.”

Vivemos na meritocracia; pensamos que devemos ser merecedores do amor de Deus, assim como precisamos merecer as coisas neste mundo para receber. Quanta ilusão! Deus nos ama e nos chama:

“Ei, você, meu amado. Sim, você que pratica tais coisas que eu detesto. Eu amo você. Não concordo com seu roubo, com suas mentiras, sua prática de adultério, sua falta de generosidade, sua inveja e suas práticas sexuais. Não concordo com nada disso, mas isso não muda meu amor por você. Estou dizendo que não foi esta vida que preparei para você, uma vida enrolada em confusão e tristeza, mas foi uma vida de paz, alegria e felicidade. Os homens pensam que meu amor por eles está ligado ao merecimento. Se fosse assim, não amaria nenhum, pois ninguém é perfeito diante de mim. Eu amo vocês porque decidi amá-los quando entreguei meu único filho para morrer na cruz por vocês. Não amo vocês porque são bons, espertos, modernos ou sábios. Amo porque dentro de vocês está meu filho amado, que vocês aceitaram por meio daquele convite. Dou a vocês a liberdade de escolherem continuar vivendo uma vida medíocre longe de mim. Apresento-lhes a vida e a morte. E digo: escolham, porém, a vida, a vida abundante, a vida de graça que está disponível somente por intermédio do meu filho Jesus.”

Ele nos ama. Deus nos ama.

O maior anseio do ser humano é sentir-se amado, e o único amor verdadeiro que supre plenamente esse vazio é o amor de Deus. Somos seres

eternos, por isso o único bem que satisfaz nossa ânsia interna também é eterno. Nada que adquiramos ou conquistemos ao longo da vida nos trará felicidade perpétua. Nossa alma só se satisfaz plenamente quando recebemos o amor do próprio Deus. É possível entender isso?

Pensamos que não somos felizes porque ainda não casamos, não temos casa própria, ou porque não nos realizamos profissionalmente. Tudo ilusão. Algum tempo depois de adquirirmos a tão sonhada casa própria, percebemos que o mesmo vazio que estava antes em nós permanece lá. Nossa alma nunca se sacia, nunca se preenche plenamente com coisas terrenas, a não ser por determinado tempo; depois, voltamos a buscar outra coisa, e mais outra, e mais outra, até entendermos e aceitarmos o amor de Deus por nós, até recebermos esse amor daquele que derramou até a última gota de sangue por nós naquela cruz.

No livro *O obstinado amor de Deus* (2003), Brennan Manning diz:

“Queime as velhas fitas que lhe giram na cabeça; elas o atam e o aprisionam, reduzindo-o a um estereótipo autocentrado.

Escute a nova canção de salvação escrita para os que se sabem pobres. Abra mão do medo que sente do Pai e do desagrado que sente por si mesmo.

O Pai das Mentiras torce a verdade e deturpa a realidade. Ele é o autor da insegurança e do ceticismo, da desconfiança e do desespero, do pensamento doentio e do ódio próprio.”

Deus não quer vasculhar nossa bagagem moral para nos atormentar. Ele já sabe o quanto não somos merecedores do seu amor. Mas, mesmo assim, escolhe nos amar. Ele não nos ama por nossas conquistas ou nosso intelecto, mas porque somos portadores do maior bem que pode existir: seu Filho, Jesus Cristo, uma vez que o recebemos em nossa vida.

Está na hora de uma decisão pessoal, de pararmos de tapar o sol com a peneira dos homens. Está na hora de sair do muro e pular para um dos lados, de deixar a luz entrar pelos quartos e cômodos da nossa alma impenetrável.

Ao nos decidirmos por Ele, todas as coisas que vivemos até então, sejam grandes ou pequenas, importantes ou passageiras, ganharão sentido e terão

seu significado. O grande amor de Deus não é um momento de prazer, é um convite para uma nova vida.

Que bom que você aceitou o convite.

Capítulo 10

A oportunidade de crer e a liberdade de não crer

Precisava compreender quem ou o que reinava sobre mim.

A Palavra de Deus me ensinou que eu não havia nascido *gay*, pois Ele não havia criado uma natureza homossexual. Em Gênesis 1.27 está escrito: *Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.* Depois de tê-los criado, Deus lhes deu uma missão, indicada em Gênesis 1.28: *Deus os abençoou, e lhes disse: Sejam férteis e multipliquem-se!*

Entendi, então, que algo poderia ter acontecido no caminho e me afastado do plano original de Deus para minha vida. Aprendi com a Palavra de Deus que Ele não havia me criado para que eu tivesse desprezo pelo meu próprio corpo; afinal, Ele me criou a sua imagem e a sua semelhança. Ser imagem e semelhança de Deus é algo honroso, majestoso, maravilhoso, e não algo desprezível e injusto. Entendi que o que a sociedade instiga as pessoas a serem é uma subversão daquilo que Deus criou. Sempre questionava Deus a respeito dessas coisas e de por que Ele havia permitido que isso acontecesse comigo.

Quando comecei a ler as Escrituras, descobri que Deus não era o promotor da homossexualidade e tive a oportunidade de crer em algo totalmente contrário ao que havia aprendido até então. Muitas vezes eu pensava ter nascido *gay* e esta justificativa ajudava a sustentar minha vida homossexual e proporcionava à minha consciência um escape diante de Deus.

Quando comecei a me relacionar com a Palavra e aprendi que Deus criou homem e mulher para serem *um*, para se amarem, para, juntos, conquistarem

e deixarem um legado dessa união, filhos, consegui separar o que era o meu desejo e o que era o projeto de Deus para minha vida. Pude, então, identificar por que meus diversos relacionamentos não me completavam, por que as coisas e as pessoas não me satisfaziam. Tive o entendimento de que Deus não concordava com meus relacionamentos homossexuais, visto que manifestara sua posição a respeito desse assunto em sua Palavra, e isso foi assustador para mim.

Minha mágoa depois dessa descoberta virou alforria mais tarde. Comecei a entender que uma coisa era eu ter uma vida amorosa, afetiva, financeira, estável e honesta com uma pessoa do mesmo sexo. Outra coisa era ter a bênção e a aprovação de Deus para esse relacionamento. Além disso, compreendi que não adiantava toda a minha vida de retidão diante dos homens, toda a minha vida de honestidade e boas ações, pois isso não sensibilizaria Deus a mudar de opinião e concordar com meus casamentos homossexuais. Quando fiz essa descoberta, sofri, pois, independentemente de como eu enxergasse a minha situação, a Palavra de Deus, que é a verdade, não mudaria.

Como ajustar minha vida desajustada? Aceitei a Palavra de Deus como verdade única e indispensável, e contra ela não adiantaria birra, teimosia, antipatia e capricho, pois ela não mudaria. Foi uma briga interna entre meus desejos e minha fé e amor a Deus. Eu poderia crer que sua Palavra era verdadeira ou poderia descartá-la e continuar usando textos soltos para justificar minhas ações. Mas eu não quis, temi e não pude manipular as Escrituras em meu favor. O que eu podia fazer, sem sombra de dúvida, era crer que a Palavra é a verdade ou não. Para isso, tive total liberdade. Ninguém me obrigou a crer nela, muito menos a querer alinhar a minha vida a ela. Eu escolhi, eu decidi, eu sabia que era o melhor a fazer.

Deus nos fez livres e nos quer livres. Somos tão livres que temos inclusive a opção de não querê-lo.

Olhando para o meu comportamento, vi que a homossexualidade que eu vivia era algo que tinha sido construído em mim com o passar dos anos. Concluí que, se eu havia construído hábitos, atitudes, comportamentos, eu também poderia desconstruí-los com o tempo.

Mas e o desejo por meninas? O desejo era uma tarefa para Deus. Eu não me atreveria a querer realizar a obra dele. Mudar, substituir, alterar, retornar ao original, não importava a ação, era tarefa para Deus. Deixei isso bem claro para Ele quando conversamos em minhas orações, pois para mim parecia algo impossível.

Em João 8.32 está escrito: *E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará*. Escolhi ter a Palavra de Deus como verdade.

Vivi submersa, envolvida, inundada nesta terra abundante de purpurinas. Após conhecer a verdade, que é a pessoa de Jesus, deixei de lado a autopiedade e a autossuficiência e resolvi dar uma chance a mim mesma e a Deus. Decidi acreditar que sua Palavra é a verdade, então passei a ver o mundo através dela.

Sou alguém que decidiu, a partir do conhecimento da verdade, não suprir mais minhas carências afetivas inconscientes em outra mulher, mas no próprio Deus. Sou alguém que decidiu sair do *status* de vítima, pois, do contrário, permaneceria murmurando sem nunca avançar. Sou alguém que decidiu deixar Deus cuidar de mim e me consolar, em vez de continuar buscando consolo em relações insatisfatórias.

Eu antigamente só enxergava em parte, só via de um lado, apenas de um ponto de vista, como uma imagem refletida num espelho escuro. Contudo, agora vejo por completo, de todos os lados. Nada está obscuro ou encoberto que eu não possa ver. Agora vejo como que face a face todo o quadro da minha vida.

Não lembro nenhum momento da minha vida em que eu tenha planejado ser *gay*. Quando dei por mim, já estava flertando com uma colega de classe, por causa de meus anseios internos. Não escolhi sentir desejo por garotas, mas sentia. Não foi uma escolha ser homossexual, mas foi uma escolha não ser mais. Planejei ter uma família, comprar uma casa, viajar pelo mundo, construir uma carreira, mas não planejei ser *gay*.

Meus relacionamentos me davam a falsa impressão de estarem satisfazendo uma carência eterna dentro de mim. Porém, o afeto recebido supria meus déficits momentaneamente. Ele não era suficiente para preencher meu vazio existencial. Eu vivia em um ciclo vicioso, uma busca torturante

por carinho, amor, cuidado, afirmação, que jamais conseguiria ser sanada pelo sexo. Por mais que eu buscasse em outras pessoas, elas nunca seriam capazes de preencher meu vazio.

Mas onde entrou, então, a questão espiritual? Em João 10.10 está escrito: *O ladrão vem apenas para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente.*

Precisamos saber que existe um “príncipe” neste mundo que quer destruir a nossa vida. Ele está aqui para nos matar, enterrar nossos sonhos, nossa verdadeira identidade, roubar nossa adolescência e contaminar nossos pensamentos. E não perderá a oportunidade de destruir nosso futuro, bem como nossos planos e nossa família. Ele está aqui para matar, roubar e destruir, e agirá em qualquer situação para isso. Toda influência que sofrermos de forças malignas ocorre na mente. É por meio dela que Satanás se utiliza de nosso banco de dados, nossa história, e reverte tudo contra nós mesmos. É na mente que ele constrói fortalezas e cria sofismas que mudarão para sempre nossa vida. Ele se aproveita de situações vividas por nós, quer lembremos ou não, para distorcer as informações e atingir-nos.

Era nos meus pensamentos que Satanás afirmava para mim que eu não era amada, querida ou desejada. Nossa mente é nosso maior campo de batalha. É nesse espaço valioso, do tamanho de um palmo, que recebemos as sugestões de que somos diferentes, de que não somos bons o suficiente, de que não temos jeito para lidar com o sexo oposto, de que temos que aceitar as condições impostas pela vida, pois Deus quis assim, e não podemos fazer nada.

Em seu livro *A face oculta do amor: desmascarando o espírito de sensualidade* (2014), o Pr. Marcos de Souza Borges diz:

“Fugir da verdade sempre parece, a princípio, o caminho mais fácil. O que precisamos entender é que fugir é sempre a pior escolha, o caminho mais longo. Nunca tente fugir de Deus, você estará tomando a direção do inferno...”

[...] Quem foge da dor, em termos práticos, busca conforto e alívio, mas normalmente o que encontra são paliativos. O diabo anseia por estas

oportunidades. Aproveitando-se da fragilidade, ele seduz e escraviza as pessoas. O prazer de um relacionamento que envolve imoralidade é um falso conforto predileto usado por Satanás como um caminho de fuga.”

Os traumas que sofremos no passado são uma poderosa ferramenta para Satanás invadir nossa mente. A falta de perdão também. Ele atua nas áreas mais fragilizadas, confusas ou deficitárias com insegurança, desamor, medo, e usa suas artimanhas para nos controlar e persuadir a nutrir os seus pensamentos. Controlando nossa mente, ele controla nossos desejos e nossas atitudes. Ele nos quer alienados, ou seja, não pensando por nós mesmos, mas pensando a ideologia infundada do mundo.

A Palavra de Deus diz que Deus nos equipou com armas espirituais para combatermos inimigos espirituais. As fortalezas na mente são padrões estabelecidos de pensamentos ou ideias que governam nossa vida. São convicções que nos levam a fazer o que fazemos. Em 2 Coríntios 10.3-5 está escrito:

Pois, embora vivamos como homens não lutamos segundo os padrões humanos. As armas com as quais lutamos não são humanas ao contrário, são poderosas em Deus para destruir fortalezas. Destruímos argumentos e toda pretensão que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levamos cativo todo pensamento, para torná-lo obediente a Cristo.

Essas fortalezas são os argumentos que criamos para nos opormos à Palavra de Deus rejeitando suas orientações. O autoengano não nos permite a hipótese de que possamos estar enganados. Não enxergamos justamente o engano porque estamos enganados. Assim, nunca conseguiremos acreditar em Deus e em sua Palavra se não duvidarmos de nossas certezas. O fato de termos convicção e certeza a respeito de algo que fazemos ou em que acreditamos não significa que aquilo seja a verdade.

A racionalização da Palavra de Deus é um exemplo claro de fortaleza mental. Racionalizar é aceitar que a nossa razão seja a fonte do conhecimento e da verdade. Racionalizamos a Palavra de Deus de modo que ela seja

irrelevante para nós. Fazemos dessa racionalização um mecanismo de defesa para que a clareza da vontade de Deus não nos alcance. Achamos bonito o que ela nos fala, mas não aceitamos. Minimizamos sua profundidade para não nos depararmos com nós mesmos.

Para conseguir o que quer, Satanás nos bombardeia com todo tipo de pensamentos de pornografia, adultério, homicídio. Ele nos engana com a ideia de que podemos ser qualquer coisa e fazer qualquer coisa, e que isso é ser livre. Porém, esse é o plano dele, não o de Deus.

As sugestões que o mundo nos dá de sermos aquilo que queremos ser são contrárias à vontade de Deus. Não somos independentes dele, autossuficientes, mesmo que pensemos que sim. Precisamos do favor de Deus todos os dias, ainda que invistamos nosso tempo em satisfazer nossos desejos, deixando-o de lado.

Em Salmos 119.105 lemos: *A tua palavra é lâmpada que ilumina os meus passos e luz que clareia o meu caminho.* A Palavra de Deus nos conduzirá por um caminho claro, longe da escuridão, no qual não tropeçaremos. Ela ilumina nossa mente, nossa vida, dando-nos discernimento do que é engano e mostrando-nos outras oportunidades a cada dia. O que vem de Deus não é confuso, turbulento, incompleto ou obscuro.

Quando abrigamos um pensamento contrário à Palavra de Deus, é como se permitíssemos que Satanás colocasse um tijolo em nossa mente. Depois desse pensamento estabelecido, ele lança outra ideia, e assim por diante, até construir um grande muro, que a Palavra de Deus chama de fortaleza. Quanto mais nos afastamos de Deus, mais esse muro que se opõe a Ele cresce e domina nossos pensamentos. É a partir desses conceitos estabelecidos por Satanás e aceitos por nós que nos distanciamos de nossa identidade original, criada por Deus, e começamos a distorcer o plano divino para nós.

Todos os acontecimentos da nossa infância e adolescência podem ser revertidos por Jesus Cristo. No meu caso, Ele satisfaz todos os meus déficits emocionais, principalmente aqueles que eu nem sabia que existiam. Ele enxugou as lágrimas deixadas pelos traumas familiares e restaurou uma vida sequestrada até então. Jesus derramou seu amor sobre todos os meus vazios existenciais e supriu toda falta de afeto não recebido e não desfrutado. Ele

corrigiu minhas incertezas e confusões e preencheu as lacunas ocasionadas na minha infância, bem como me consolou daquilo que aconteceu e não deveria ter acontecido.

Temos o grande privilégio de crer que Jesus fará isso por nós pelo simples fato de Ele nos amar profundamente como ninguém. E temos, também, a possibilidade de nos enchermos mais uma vez de todos os nossos argumentos e desculpas para continuarmos assim, exercendo a nossa liberdade de não crermos nele.

Afinal, quem é livre?

Capítulo 11

Ele venceu. Ele sempre vence

As verdades de Deus não cabem na razão, cabem na fé. Se você exercer a fé crendo na Palavra, ela guiará sua vida pelo único e vivo caminho. Em 2 Coríntios 4.18 está escrito: *Assim, fixamos os olhos, não naquilo que se vê, mas no que não se vê, pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno.*

No mundo existem certezas, convicções, argumentos, experiências, conhecimento, teorias, padrões e culturas. No fundo, escondida por minha falta de conhecimento, existia a verdade da Palavra de Deus. Esta, na maioria das vezes, era contrária a todas as minhas argumentações. Percorri todas as ideias, estímulos, hipóteses, argumentos e infinitas explicações humanas e nada foi suficientemente capaz de aquietar minhas interrogações. Até que um dia decidi encarar a verdade, que hoje, para mim, é a Palavra de Deus. Fugi dela por anos, justamente por saber que, de algum modo, me adaptaria a ela.

Quando olhava para mim, achava-me diferente do mundo. Algumas vezes me considerava superior por ter coragem de viver intensamente meus desejos sem ter que reprimi-los. Eu dizia que todas as pessoas eram gays reprimidos e que quem não assumia sua condição era fingido, hipócrita, enganador. Dizia isso, mas no fundo sabia que não era bem assim. Sabia que minha crítica e minha língua afiada poderiam estar erradas. Eu queria mesmo que o mundo todo fosse *gay*. Não porque ser *gay* fosse melhor ou pior ou porque houvesse nisso alguma vantagem, mas porque eu queria que o mundo todo fosse igual a mim; queria que tivéssemos comunhão, que pertencêssemos ao mesmo grupo. Desejava ser aprovada por todos, aceita, compreendida, em vez de ser apontada ou criticada. Queria viver em paz com as pessoas, com todas elas.

Namorei alguns meninos, usei saia curta, tive cabelos compridos, me

maquiei... essas coisas de menina. Eu gostava disso. Mas, em determinado momento, alguma coisa aconteceu. Não sei de onde veio nem o que foi, só sei que me sequestrou e afastou de mim os sonhos de menina, a vida de menina, assim como o jeito, o gosto, os hábitos e as preferências de menina.

Os cabelos longos, lisos, ondulados, cheirosos, escovados, acompanhados de maquiagem, usados para dar um charme e chamar a atenção dos meninos eram, para mim, motivo de desejo. Os meus, por sua vez, estavam cada dia mais curtos, raspados, *pink*, azuis ou platinados. Também chamavam a atenção dos meninos, mas para crítica e repúdio.

Desejos sequestrados. Fui privada de viver uma vida normal como toda adolescente com seus namoradinhos, amigas e crises. Enquanto a adolescência passava, eu me transformava cada vez mais num menino. Quando dei por mim, já estava longe do universo feminino, mergulhada em outra vida. Sem questionar, aceitei uma nova personalidade imposta a mim. Essa nova vida mudou meus pensamentos, meus hábitos e depois meu corpo. Qual seria a próxima fase se eu não ousasse parar e me questionar?

Esses novos hábitos me diferenciavam da maioria, da multidão que eu julgava sem cor, sem sabor, sem vida, sem causa. Passei a viver destoando do padrão de comportamento tido como normal. Fui expulsa, então, dos olhares e preferências dos meninos e dos jantares heterossexuais românticos, isso sem a menor explicação. Fui afastada, excluída. Eu achava que haviam me expulsado, porém, na verdade, o mundo continuou na mesma direção.

Passei, então, a olhar para as pessoas e julgá-las, invalidá-las, deixei de tolerá-las, tudo isso por não pertencermos mais ao mesmo grupo. Comecei a apontá-las por termos opiniões divergentes, por não compreendermos mais as coisas da mesma maneira. Considerava todos hipócritas e mentirosos. Não consegui pertencer ao seu grupo e também não consegui trazê-los para o meu. Então, precisava contrariá-los. A bandeira colorida que me protegia deles era a mesma venda que me impedia de enxergar e questionar minha condição, de analisar a causa e as ideias que eu estava seguindo.

Cansei de fugir do questionamento, de me esconder atrás da multidão; por mais que não desse ouvidos aos comentários, era inevitável não notar minha nova condição. Era inevitável não pensar por que tudo aquilo havia

acontecido. Um dia, tomei a decisão de olhar além das aparências, mas para isso tive que primeiro conter minha rebeldia e meus inúmeros argumentos. Quis analisar a fundo as causas e tudo o que aconteceu no meio do caminho que fez com que minha vida seguisse aquele rumo. Então, uma revelação simples, suficiente, esclarecedora, confrontadora, escandalizadora e transformadora apresentou-se a mim. Busquei a verdade e quis saber tudo o que dizia respeito a minha vida de acordo com ela. Conversei com a verdade, briguei com ela, chorei por tudo o que ela estava me apresentando. Desejei fugir, odiá-la, esquecê-la, mas ela me amou como ninguém, mesmo depois de ver, ouvir e saber todas as minhas falhas.

Em João 14.6, Jesus diz: *Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim.* A verdade, portanto, segundo a Palavra de Deus, não são teorias criadas por homens, mas uma pessoa chamada Jesus Cristo. E nele decidi acreditar.

Enquanto olhava para todos os lados, acreditando um pouco em cada um, Jesus, que é a verdade, estava lá me esperando. Ele esperou eu cansar de ouvir, seguir, buscar e olhar para as multidões para, então, entregar-me a Ele. Nesse encontro, como nos outros tantos, tive a chance de não lhe dar ouvidos, de negá-lo, invalidá-lo e rejeitá-lo. Poderia, num ato de medo e covardia, ter recuado mais uma vez. Tive a chance de devolver o conhecimento da verdade sobre mim mesma e sobre minha vida à caverna do esquecimento e deixar que o tempo cuidasse de apagar esse encontro. Porém, nesse encontro, eu o aceitei e comecei a desenterrar os tesouros, os traumas, os mistérios que estavam arraigados em mim.

Essa decisão de encarar a verdade, de ficar frente a frente com Jesus e deixar Ele entrar profundamente em minha vida, sem dúvida, foi a melhor decisão que tomei. Entretanto, parece que é a decisão de uma minoria; minoria que não liga em afastar-se da multidão, que decide rever e questionar suas convicções, baixar o guarda-chuva da resistência e se permitir olhar a situação com outros olhos.

Em João 18.37 está escrito: *“Então, você é rei!”, disse Pilatos. Jesus respondeu: “Tu dizes que sou rei. De fato, por esta razão nasci e para isto vim ao mundo: para testemunhar da verdade. Todos os que são da verdade*

me ouvem”. A verdade chegou até mim; Jesus entrou em minha vida e me pediu que o ouvisse e, então, compreendesse, perdoasse e me arrependesse. Que me arrependesse de ser a dona da verdade. Assim, como o governador Pilatos ficou sem palavras frente a Ele, também fiquei. Afinal, a única coisa que eu tinha eram minhas convicções; abandoná-las seria o mesmo que ficar órfã. Não seria nada confortável o processo, e eu não sabia se estava disposta a passar por ele.

Eu procurava a verdade sobre minha vida, mas a verdade que não me confrontasse, que se encaixasse em minhas práticas, que sustentasse minhas convicções, e não que me contrariasse. Eu queria uma verdade que apoiasse meus anseios, meus desejos e meus atos. Contudo, essa verdade não fazia parte da Palavra de Deus. O que eu queria mesmo era a conveniência para continuar vivendo sem ter que me autoconfrontar.

A verdade que está em Jesus, que é Jesus e que se faz conhecida mediante a sua Palavra, inalterável, dói, mas transforma. Ela não é mutável ou influenciada por nossos argumentos vazios e humanistas. Ela não aceitou meu suborno, não quis se adaptar a minha vida, não foi flexível e muito menos sentimental comigo. Entendi que todas as coisas passariam, menos a verdade, que é Jesus. Esperei anos ela passar. Em vão. Teorias podem até tentar esconder ou anular as Palavras de Jesus, mas estas sempre existirão para os que acreditam nelas e para os que as distorcem também.

Há várias maneiras de olhar para Jesus, e existem muitas coisas neste mundo nas quais acreditar. Resolvi depositar toda a minha confiança e esperança nele e olhar para Cristo como a única fonte verdadeira. Percebi que a Palavra de Deus não tinha complexo de inferioridade, mas era absoluta, exclusiva e irrevogável ao longo dos séculos. A verdade nunca desistiu de ser descoberta por mim, mesmo eu adiando e fugindo do encontro.

Sempre depositaremos nossa crença, nossa fé, em algo ou alguém. Às vezes será nas ideias que a multidão dissemina, que os parentes debatem, que as celebridades divulgam. Se assim for, nos moveremos sempre segundo os conceitos perecíveis dos outros, dizendo amém a muitas ideologias e baseando nossa vida nas teorias que outros conceberam. Decidi colocar em dúvida todos esses argumentos que me direcionavam e aos quais eu estava

agarrada. Em Salmos 119.160 está escrito: *A verdade é a essência da tua palavra, e todas as tuas justas ordenanças são eternas*. Parecia uma luta de interesses para definir quem eu era, em que acreditava, e para me conduzir. Resolvi acreditar que a única e exclusiva verdade para me guiar era a Palavra de Deus.

Descobrir fatos ou encarar as verdades escondidas em minha história não foi fácil. Parece que a verdade algumas vezes fere, agride, insulta, contraria, incomoda, desconforta, inquieta, mesmo que se apresente com todo amor e paciência. Ela causou uma mudança da qual não consegui me defender; de fato, eu não queria me defender, queria essa mudança. Às vezes queria fugir, sumir, contrariá-la, mas ela nunca pereceu e sempre me amou, mesmo com meus insultos. Jesus continuou me amando o tempo todo, inalterável.

Eu estava vivendo de um modo que de antemão tomei como certo ou como única possibilidade. Então, num dia de reflexão, pensei que deveria existir algo maior que apenas ideias para me governar. Por isso, deixei meu orgulho de lado e decidi ouvir o que Jesus tinha a dizer e mostrar de novo. Senti-me corajosa em descobrir. Estava decidida a desvendar o que vinha direcionando minha caminhada.

Até então, eu não queria saber de nada, pois, enquanto não soubesse, não haveria conflitos internos. Uma vez que eu não conhecia as regras, não precisava segui-las, podia fazer o que quisesse.

Descobri que não era livre pelo simples fato de não conseguir me libertar da homossexualidade. Eu não conseguia deixar de me relacionar com mulheres. Não controlava meus impulsos, não dominava meus desejos, tinha que agir assim sempre. Isso mesmo. Então não me relacionava com elas somente pelo desejo, mas porque *não conseguia não me relacionar*. Era como um vício, incontrolável. O mesmo acontecia com relação ao cigarro. Eu não fumava porque queria fumar, e sim porque não conseguia resistir, então acendia um, dois, vinte cigarros por dia.

O *gay* que “habitava” em mim, ou seja, as ideias, os comportamentos, as teorias, tentou me convencer inúmeras vezes de que eu havia nascido *gay*. Porém, as argumentações fracas não resistiram à luz.

Não estou limitando o que é a verdade, muito menos a liberdade. Cada

um é livre para crer no que quiser, em quem quiser, e na intensidade que desejar, visto que o mundo oferece milhares de alternativas nas quais se pode depositar a fé. Eu, porém, decidi crer em Jesus, e Ele me tornou livre.

Desafio você a acreditar em Jesus.

Desafio você a duvidar de suas certezas.

Desafio você a questionar seu presente e seu futuro.

Desafio você a retirar-se da embalagem.

Desafio você a não viver de urgências, de esperas, mas transbordante de Deus.

Desafio você a parar de fugir do encontro com Jesus.

Desafio você a não se moldar ao padrão deste mundo perdido e confuso.

Desafio você a desconfiar que tudo pode ser diferente e melhor.

Desafio você a fazer um autoexame sincero, a lançar fora seus pensamentos incrédulos, a entregar seus medos a Jesus, a entregar sua vida a Ele.

Desafio você a acreditar que Jesus tem preparado algo muito maior do que você pode compreender.

Eu desafiei Jesus a mudar minha vida. Ele mudou completamente.

Capítulo 12

Ilusões de uma vida alienada

Meus desejos me roubaram a vida. Eram ensaiáveis, sem fim.

Nenhum hábito, cultura ou modismo humano muda a Palavra de Deus. Em Malaquias 3.6 está escrito: *De fato, eu, o Senhor, não mudo*. Nada do que eu estava acostumada a viver seria aceito por Deus, uma vez que Ele já havia declarado em sua Palavra que não aprovava tais atos.

Eu queria viver sua vontade, mas a minha sempre prevalecia. Coloquei na balança meus instintos, impulsos e preferências para um embate contra a vontade de Deus. Tive que reconhecer a amarga derrota.

Em Romanos 12.2 lemos: *para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus*. Eu ouvia que a vontade de Deus era perfeita, agradável e boa. Se fosse mesmo tudo isso, então não era para mim, e sim para os santos e beatos. Meu universo particular estava tão alienado a respeito de algumas coisas que eu perdia minha vida, em vez de vivê-la. Em Hebreus 13.8 está escrito: *Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e para sempre*.

Minha ânsia em ser amada pelo mundo, aceita e aprovada fazia com que me separasse cada vez mais do que eu realmente era: filha de Deus. Busquei a única coisa em que achei sentido neste mundo doido: Jesus e sua direção. Busquei Jesus e esse encontro me iluminou. De algumas coisas tive a visão imediata. A revelação de quem Ele é me trouxe outros desejos: viver e devolver vida a uma mulher, desejos nunca antes experimentados.

Tantos barulhos, tantas opiniões de todos os lados, e no meio disso tudo estava perdendo cada vez mais a essência daquilo que verdadeiramente importava: ser amada por Deus. Parecia que esses ruídos eram justamente para eu não pensar a respeito de nada, para eu tomar partido de algo já

pronto, fosse contra ou a favor. A alienação se estabelecia aí, no fato de eu aceitar os pensamentos dos outros, não pensar por mim mesma e viver influenciada por fatores e gritos externos.

Jesus veio como uma torrente. Era impossível estar imersa nela e conseguir ouvir os barulhos dos que estavam na margem.

Temos a liberdade de conhecer a Palavra de Deus e usá-la como convém.

Temos a liberdade de questioná-la como verdadeira ou falsa.

Temos a liberdade de invalidá-la.

Temos também a liberdade de viver totalmente de acordo com o que quisermos, mesmo que esteja na contramão da vontade de Deus.

Deus nos dá a liberdade de não o aceitarmos como o Senhor sobre nossa vida. Você talvez pergunte: “Como assim?” “Não tenho que seguir Jesus Cristo?” Não. Jesus não nos obriga a nada.

Lembra-se do convite? Nem todos aceitam. Nem todos querem Jesus como Senhor e guia, nem todos querem se relacionar com Ele. Liberdade é não ter um Senhor imposto sobre nossa vida, mas optar por um. Deus nos fez livres para que optemos por Ele como nosso Senhor. Não é algo imposto; é escolhido por nós.

Viver com Jesus é uma escolha.

A alienação agia em mim quando eu não queria esse Deus pelo simples fato de que alguns não o queriam. Eu inconscientemente transferia o domínio do meu querer para os outros que não queriam e não gostavam de Jesus e acabava, mesmo sem saber o porquê, convencida e influenciada a não querer. Às vezes tinha vergonha, outras vezes achava retrógrado e careta, por isso não o procurava.

Por influência de algumas pessoas, deixei de conhecê-lo, de experimentá-lo, de me relacionar com Ele e de ser abençoada por Ele. Enxergava a vida pela ótica dos outros. Vivia totalmente sujeita à crítica das pessoas, à sua concepção de mundo, à sua formação de opinião, que, na caminhada, acabava tomando como minhas.

Percebi que alguns me induziam a ver o mundo a partir de seus pontos de vista, seus desejos e aspirações. A questão é que esses pontos de vista muitas vezes eram criados para seu próprio egoísmo, benefício e conveniência.

Frequentemente aderi a causas que nem sabia quão egoístas e irreais eram. Não compreendia que minha postura e minha opinião formavam a sociedade em que eu vivia e o mundo no qual eu estava inserida. Preferia muitas vezes inconscientemente transferir às “mentes pensantes” meu desejo de pensar. Ficava alienada aos desejos de alguém ou de um grupo e me tornava passiva, sem opinião própria, suscetível a aceitar tudo o que era proposto ou idealizado como normal ou natural.

Hoje, não empresto meu apoio a coisas que desconheço, não importa o volume do grito ou o tamanho da multidão. Não quero ser uma alienada movida pelo sistema. Escolhi seguir a Cristo, escolhi seguir a mente dele, que é infinita. Ele não me coagiu a isso.

Uma das diversas orientações que aprendi na Palavra de Deus é que não devo viver alienada nem aceitar as ideias aparentemente inofensivas do mundo. Em Romanos 12.2 está escrito: *Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente.* A Palavra de Deus me diz para não tomar a forma, o comportamento, os hábitos do mundo, para não andar de acordo com as condutas impostas pelo mundo, mas para me submeter a uma transformação que ocorre ao experimentar e descobrir o que é a vontade de Deus. Quando transformarmos nossa mente, descobriremos que aprovamos Deus e reprovamos o mundo. Deus quer que tenhamos uma mente renovada, livre, e não governada pela pressão ou pelos planos dos outros.

Em quem cremos? Em quem depositamos nossas esperanças? No homem? Na mídia? Nas revistas? Em ideias? No mercado? Nossa vida é valiosa demais para sermos governados por ideias ou pessoas inconstantes.

Apenas saber da existência de um Deus todo-poderoso não muda nossa vida; entretanto, relacionar-se com Ele sim.

Se não soubermos onde ou em quem depositar nossa fé, acreditaremos naquilo que for mais convincente ou que nos trazer mais conforto e menos conflito interior. Os gritos e anseios da nossa alma desequilibram o mais sensato de todos os homens. Eu não quis mais essa vida governada por desejos. Antigamente, qualquer vento forte ou ostentação recebia meu apoio, mesmo que tivesse como destino mascarado a dor e a desilusão e mesmo que

fosse algo irreal ou egoísta.

Nossa fé é parte de nós e diz muito a respeito de quem somos. Contudo, quando firmada em doutrinas, ideias, opiniões, panfletos e “achismos” dos outros, torna-se fraca e sem raiz. Esse tipo de fé fica esperando as próximas ideias para apoiar, como macaco pulando nos melhores galhos.

Aderir à visão dos outros sobre Jesus sem ao menos ter uma experiência pessoal e direta com Ele é aceitar cegamente a opinião de quem nunca comprou o produto que está vendendo. É o mesmo que dizer que odeia chocolate sem nunca ter experimentado, ou dizer que odeia batata frita sem nunca ter provado, ou dizer que odeia sexo sem nunca ter alcançado o prazer. Ou nos submetemos à consciência dos outros, ou nos posicionamos.

A vida me parece muito mais do que correr atrás de moralismos, ajustar-se às modas aceitáveis da sociedade, consumir, viver vitórias mentirosas e fracassos escondidos. Ela é uma corrida incontrollável, mas não para fugir da morte, da velhice, da cafonice, mas para encontrar a vida que está ligeiramente desvanecendo de modo patente.

Vivemos hoje no indiferentismo moral e social, que afirma que tudo é lícito, tudo convém, tudo é permitido, tudo é normal, tudo é amor, tudo é adaptável. Essa desfragmentação desorganiza minha vida. Parece-me mais ausência de conexão entre Deus e o homem. Parece mesmo que, quanto mais as pessoas lutam pela igualdade, mais evidente ficam nossas diferenças.

Vejo as sugestões dirigidas a mim de maneira superficial. Vejo as verdadeiras intenções a respeito de algumas ideias nunca se mostrarem. Parece-me que exibem somente o necessário, somente a ferida, o ultraje desenhado para gerar comoção no público, tudo isso para o nosso convencimento e apoio. E assim, mais uma vez, escolhemos um dos lados para pular, negando nossas próprias opiniões.

Será que estamos alienados? Tomara que não. O resultando seria desastroso, pois atuaríamos ou defenderíamos ideias que não compreenderíamos, sendo, portanto, marionetes nas mãos de um sistema perdido que quer nos afundar com ele.

Se não atuamos, ficamos alheios ao mundo que nos circunda e paramos no meio do caminho. Acreditamos um pouco no homem e um pouco em

Deus. Acreditamos que Deus às vezes é justo, às vezes é injusto. Que a Palavra de Deus é parte verdade, parte mentira, e não nos move para lugar algum; em vez disso, nos puxa ainda mais para o centro do redemoinho de uma vida de incertezas. Abraçamos árvores, meditamos nas cores e beijamos gesso. Quando estamos engolindo água, queremos a bênção de Deus, mas não queremos que venha junto o Deus da bênção.

Não gasto mais vida, ou seja, tempo, para apoiar ideias de homens que não controlam sua própria respiração. Decidi acreditar plenamente no Deus de graça e poder, que não tem sombra de variação ou opinião.

Deus nos ama quando nos disciplina, nos corrige, nos experimenta em situações adversas, nega pedidos, concede bênçãos, nos enche, nos transborda, retira algo de nós. Crer no seu amor somente para nosso bem-estar, nossa alegria e satisfação é imaturo demais, ingênuo demais e enganoso demais. Aliás, Ele nunca disse que seria assim.

Eu cri quando Ele me disse que sou mais que vencedora, que sou sua filha, que não há condenação para os que estão em Cristo. E por honestidade comigo mesma, cri nas diversas palavras que contrariavam minha cultura também.

Assim, continuamos cristãos e não cristãos nos defendendo da proximidade e do relacionamento que Deus quer ter conosco por meio da sua Palavra. Queremos todo o seu amor, toda a sua aprovação, toda a sua bênção, toda a sua prosperidade, mas não queremos que Ele entre em alguns quartos de nossa vida. “Que Deus nos livre de entendê-lo! Prefiro passar a vida estudando e discutindo o que a Palavra de Deus diz, a fim de compreendê-la, do que confessar a mim mesmo que já entendi!” Sabotagem... por que não?

Mesmo sem nunca ter me relacionado profundamente com Deus, parecia que algo no meu íntimo dizia que Ele tinha coisas melhores para mim. Entender sua Palavra não nos faz viver numa vida de normas que ditam padrões de comportamento. É impossível viver assim. É impossível viver olhando para uma lista de regras tentando não transgredi-las. Pecamos a todo tempo, erramos o tempo todo, somos falhos. Uma vida com Deus não me obriga a viver de acordo com exigências de conduta e boas práticas. Se busco fazer o que agrada a Deus, é porque Cristo vive em mim. Em Gálatas 2.20

está escrito: *Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim.* Então, não faço para ganhar algo de Deus, faço porque Cristo vive em mim.

Enquanto desconhecia a Palavra de Deus, estava sujeita a enganos, a crer em qualquer coisa que demandasse meu apoio e aprovação. Parecia mesmo que eu esperava Deus descer numa carruagem de fogo, com um anjo cor de rosa tocando harpa, e me dizer com voz de trovão: APROVO SUA CONDUTA! No fundo, porém, sabia que isso não aconteceria para aliviar minha consciência e prosseguir com minha vida vazia.

Queria ser mais esperta do que Deus, então aparava as arestas da sua Palavra, até que ela se encaixasse em minha vida bagunçada, até que se tornasse suave e incontroversa de modo que não me causasse indigestão. Eu mais do que ninguém quis isso. Quis que Deus se alinhasse a minha vida; jamais quis me alinhar à vontade dele. Por quê?

Medo. Medo de uma mudança transformacional. Medo de que algumas coisas não existissem mais pra mim. Medo, insegurança, incertezas. Mas eu precisava manifestar o inverso do medo, não recuaria!

Em Romanos 13:9 lemos: *Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não cobiçarás, e qualquer outro mandamento, todos se resumem neste preceito: Ame o seu próximo como a si mesmo.*

Princípios da Palavra de Deus. Então entendia o que ela diz e tentava, de várias maneiras, para o meu próprio bem, viver segundo essa Palavra. A não ser que eu quisesse discutir com Deus seus métodos de gestão, como se Ele fosse ineficiente, o que eu não faria, é claro. Eu podia até ser intolerante contra os religiosos, mas não era burra.

Outro texto que trata de seguir a vontade de Deus, que, conforme lemos anteriormente, é boa, perfeita e agradável, está em Provérbios 11.24: *Há quem dê generosamente, e vê aumentar suas riquezas; outros retêm o que deveriam dar, e caem na pobreza.* As Escrituras estão afirmando que rico é aquele que aprendeu a dar, a ser generoso, e não aquele que retém demasiadamente. Para mim, ser generosa não dizia respeito ao que eu daria, ou a quanto eu daria, mas ao amor que teria em ajudar os outros, ao amor que manifestaria pelo outro. Então eu entendia desse modo esta e tantas outras palavras e tentava praticá-las.

É claro que não estou limitando as explicações dos textos anteriores. Eles dizem muito mais do que meu entendimento pode descrever. Estou usando apenas dois exemplos de como a Palavra de Deus é prática, e não teórica.

A Palavra de Deus diz em Levítico 18.22 está escrito: *Não se deite com um homem como quem se deita com uma mulher; é repugnante.*

Em Romanos 1.26,27 lemos:

Por causa disso Deus os entregou a paixões vergonhosas. Até suas mulheres trocaram suas relações sexuais por outras, contrárias à natureza. Da mesma forma, os homens também abandonaram as relações naturais com as mulheres e se inflamaram de paixão uns pelos outros. Começaram a cometer atos indecentes, homens com homens, e receberam em si mesmos o castigo merecido pela sua perversão.

Descobri que Deus não aprovava minha prática de vida homossexual. Entristeci-me quando tomei conhecimento dessas verdades. Decidi ter a Palavra como única fonte imutável da verdade. Depois de tomar conhecimento desses textos e de outros que também mostram o desagrado de Deus quanto à homossexualidade, não pude mais escondê-los ou abafá-los em minha consciência.

Percebi o quanto eu precisava de Deus e o quanto era incapaz de realizar qualquer mudança sem Ele.

Assim como procurei fazer a vontade de Deus em outras áreas da minha vida e entendi que tudo se voltava a meu favor e benefício, entendi que a área da sexualidade também estava sob as orientações dele; afinal também foi Ele que criou o sexo. Porém, quanto a este assunto, não era simplesmente “vou procurar fazer a vontade de Deus e pronto”. Lutei muito tempo escorada na frase de que “Deus é amor” para satisfazer meus próprios desejos.

Decidi acreditar que a vontade dele era realmente melhor que a minha. Decidi entregar a Ele minhas meias-verdades, pois estas não estavam me salvando de nada. Decidi abandonar a coerência lógica e racional. Justificava-me em nome do amor de um Deus que eu não amava. Não sabia explicar essa contradição, então ia vivendo, me entristecendo e discutindo com qualquer

um que se opusesse ao meu estilo de vida, pois tinha o amparo do amor do Deus que eu não amava. Acreditava que era da vontade de Deus que eu vivesse um amor; o problema estava justamente nesse amor.

Somos carentes de um amor que exceda todo o entendimento, que ultrapasse nossos sentidos, que nos deixe sem ar. Exigimos das pessoas um amor que não damos e protestamos ao mundo nosso direito de ser feliz. Parece mesmo que eu não entendia o que era o amor, muito menos o que era ser feliz.

Eu provei e concluí: não existe amor no mundo que se compare ao amor de Deus, não existe felicidade no mundo maior do que usufruir desse amor.

Buscamos o amor em pessoas que não sabem dar e prosseguimos com a esperança de encontrar o amor perfeito, que suprirá todas as nossas carências emocionais. Vamos contabilizando pilhas de relacionamentos arruinados por nossa ânsia de ser amados.

Eu amava aquilo que percebia. Amava a beleza, a inteligência, a sintonia que tinha com outra pessoa. Amava coisas que podia listar, que podia tocar. Amava algo contido naquela pessoa e que misteriosamente o tempo, as circunstâncias, as atitudes cuidavam de envenenar. Percebi que o amor não era aquilo que dizia ser.

Como podemos ter vivido o amor se nunca tivemos um encontro com a fonte do amor? Um romance entre nós e Deus. O amor falado, o amor sentido, só ganha significado, só se torna real quando expresso em atitudes. Em João 3.16 está escrito: *Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito*. O maior gesto de amor que alguém poderia ter feito por nós, a maior declaração de amor de todos os tempos e que nunca mais ocorrerá foi a renúncia de Deus por Jesus, seu Filho amado, seguida da renúncia de Jesus por si próprio. Deus abriu mão de seu Filho; Ele cedeu, abandonou Jesus naquela cruz, para que seu Filho cumprisse o propósito de se entregar em nosso lugar. Tudo isso para vivermos em amor.

Uma vida de amor é uma vida com Ele. Deus entregou seu Filho amado, Jesus Cristo, para ser surrado, cuspidor, humilhado, chicoteado, ferido, maltratado e finalmente morto, pendurado numa cruz, como um cão, como um verme, como um lixo, como a escória do mundo, para que pudéssemos

ser livres, limpos, isentos, remidos de toda prisão, de todo cativeiro do mundo. Deus entregou Jesus ao sofrimento, à dor, à depravação em nosso lugar.

Podemos pensar que não pedimos isso a Deus, não pedimos esse sacrifício, não pedimos e não temos culpa dessa morte de cruz. É verdade também que não temos conhecimento do quanto precisamos de Jesus em nossa vida. Como medir a falta do bem que nunca tivemos?

Quem nega Jesus não nega um homem incrível, mas a única possibilidade de ser aceito por Deus.

Deus abriu mão do que Ele mais amava: Jesus.

Deus demonstrou seu amor não em palavras doces, mas em renúncia e dor.

Nós o rejeitamos, mas Ele nos ama.

Somos zombadores, mas Ele nos ama.

Somos infiéis, mas Ele nos ama.

Mentimos, mas Ele nos ama.

Vendemos nossa honestidade, mas Ele nos ama.

Fomos abusados, mas Ele nos ama.

Somos abusadores, mas Ele nos ama.

Fomos abandonados, mas Ele nos ama.

Abandonamos, mas Ele nos ama.

Fomos rejeitados, mas Ele nos ama.

Rejeitamos, mas Ele nos ama.

Estamos perdidos, mas Ele nos ama.

Desiludidos, mas Ele nos ama.

Cansados, mas Ele nos ama.

Ele é inflexível. Não há proteção contra o amor de Deus. Ele permanecerá nos amando até nos constranger, até nos convencer de que não temos armas para lutar contra seu infalível amor.

Não acreditamos na história contada sobre a cruz de Jesus não porque pensamos que ela não existiu ou que tudo não passa de uma fábula. Não acreditamos na morte de Jesus na cruz porque pensamos que não valemos tanto assim. Não acreditamos que Jesus morreu por amor a nós porque não

conseguimos ver esse tão grande valor em nossa vida. Então questionamos: “Como assim morrer por mim?” “O que esse cara viu em mim que ninguém mais vê?” “Não pode ser verdade, eu não valho tanto assim.”

Deus quer que desconstruamos nossa postura de autossuficientes, de autodefensores, de autopiedosos e aceitemos a sua justiça e o seu amor incondicional sobre nossa fraqueza e insignificância porque, mesmo assim, Ele nos amou.

Jesus me ensinou que eu tinha valor.

Aprendi que o amor não é uma folha rabiscada de poesias. Não é um buquê de flores numa data programada. Não é uma noite ou várias de sexo. Aprendi com Jesus que o amor não é o fogo da paixão. Não é uma emoção, não é um resquício, um fragmento, uma conexão. Aprendi com Jesus que o amor não é a coragem de viver tudo, mas de perder tudo. No amor não há medo, não há solidão. Jesus me ensinou que o amor não é momentâneo, não é passageiro, não é aparente, não é superficial, não é suntuoso, não é atrativo aos olhos. Ele me ensinou que o amor não quer carinho ou prazer, mas oferta paz, alegria, reconciliação.

Aprendi olhando para Jesus que o verdadeiro amor constrange, se humilha, se nega, se entrega, é paciente, espera tudo, e me esperou por muitos anos. O verdadeiro amor não ama porque é amado, ele ama porque é amor. Jesus me ensinou que amor não exige, mas dá, supre, consola sem medida.

Jesus me ensinou que o amor é manifestado, não verbalizado; que traz luz, uma luz que nos atrai por toda a eternidade. O irresistível amor é o amor que conheci em Jesus.

Ele me ensinou que o amor não se ofende, não se ira, não suspeita mal, mas tudo sofre, tudo suporta e tudo faz porque é amor. O amor não termina com uma briga porque o verdadeiro amor nunca termina, nunca perece, nunca acaba, nunca se perde, nunca se parte.

Entendi que tudo o que eu havia vivido até então de bom, de prazeroso, de agradável com algumas pessoas (sim, porque vivi também momentos felizes) era só uma gota da verdadeira fonte inesgotável de amor chamada Jesus. Tudo o que eu havia vivido até conhecer Jesus era uma parte que eu

denominava amor. Porém, o que eu conhecia era incompleto, parcial e imperfeito. Quando conheci o verdadeiro amor, o completo, o perfeito, o único, de todo o resto não quis saber nunca mais.

Viver o amor não é buscá-lo em alguém, é dá-lo a alguém. Viver o amor não é esperar um relacionamento para ser feliz, é fazer feliz todos os que se relacionam conosco.

Tudo o que eu entendia sobre o amor era que queria ser amada.

Por mais que me esforce, não conseguirei descrever o amor; do contrário, estaria descrevendo o próprio Deus. Certo, então, é que Ele me descreva, porque Ele me amou primeiro.

O último texto da Palavra de Deus que citei anteriormente acerca da homossexualidade mexeu com meus desejos mais íntimos e meus impulsos dominadores e incontroláveis. Percebi que tudo o que me confrontava eu invalidava. Tudo que confrontava meu comportamento, meu estilo de vida ou minhas ideias eu anulava, contrariava. Eu tinha duas opções: apontar o dedo e anular a Palavra de Deus dizendo que era um equívoco, um engano, ou virar o dedo e colocar no meu peito me provando. Afinal, alguém estava enganado.

Mas como viver a vontade de Deus se meus desejos são outros?

Aprendi que muitas coisas estavam ao meu alcance realizar; assim eu fiz, assim me confrontei. Porém, outras coisas estavam ao alcance somente de Deus, e Ele fez. Fácil seria se pudéssemos acatar o ponto de vista de Deus e, instantaneamente, mudar nossos hábitos e desejos como quem muda o corte de cabelo ou a roupa que usa. Mas não é simples assim; parte de um desejo de alinhar a vida com Deus, assim como ocorreu comigo. Quando percebi que estava na contramão da vontade dele, eu quis mudar, e Ele me transformou.

Lançamos mão de um texto da Palavra de Deus, como o relato da amizade de Davi e Jônatas, e, mesmo sem saber onde se encontra ou sem ao menos ter lido antes de aderir à opinião de alguém, transformamos a amizade dos dois num relacionamento homossexual.

Davi, sem dúvida, era um homem amável. Quando leio as histórias sobre ele nas Escrituras, fico extasiada com tamanha ousadia e autenticidade. Também vejo um homem vivendo na graça de Deus em plena dominação da

Lei. Vejo um homem que agradou a Deus com seu coração. Um homem de quem todos gostavam de estar perto, um homem especial, amigo, atencioso, divertido, alegre e muito querido.

Em 1 Samuel 16.21 está escrito que *Saul gostou muito dele*. Davi achou graça aos olhos de Saul, que era o Rei de Israel. A passagem afirma que Saul amou Davi. Então, ao que tudo indica, deveríamos interpretar que ambos mantinham um romance? Porque o texto diz que havia amor. Parece que Davi teve dois relacionamentos homossexuais, de acordo com esse entendimento: um com Saul e outro com o filho de Saul, Jônatas.

Se continuarmos lendo a história, veremos que surge uma mulher no “romance” chamada Mical. Ela era irmã de Jonatas e deixou explícito seu sentimento por Davi. Em 1 Samuel 18.20 lemos: *Mical, a outra filha de Saul, gostava de Davi. Quando disseram isso a Saul, ele ficou contente*. No versículo 27 está escrito que *Saul lhe deu em casamento sua filha Mical*.

Agora façamos a análise dos textos: Davi era, então, “namorado” de Jônatas, como afirmado por alguns e como eu mesma dizia, porém Davi também era casado com Mical, irmã de Jônatas, e, como vimos no início, tinha um romance com o rei Saul, que gostava muito dele. Existem, portanto, duas hipóteses: ou Davi não era um homem segundo o coração de Deus, como a Palavra descreve, revelando-se, ao contrário, um homem promíscuo, ou somos extremamente influenciáveis e acreditamos em tudo o que nos dizem, sem averiguar.

Ainda não acabou.

Em 1 Samuel 18.16 lemos: *Todo o Israel e todo o Judá, porém, gostavam de Davi, pois ele os conduzia em suas batalhas*. E em 1 Samuel 18.5 está escrito: *Isso agradou a todo o povo, bem como aos conselheiros de Saul*. Nessas duas passagens vemos que todo o Israel, todo o povo de Judá e todos os servos do rei se agradavam de Davi. E onde está a passagem de Davi e Jônatas que fala sobre o relacionamento homossexual deles?

Acredito que, se cremos piamente em algo, no mínimo devemos saber onde está escrito. Alterar o sentido das coisas, continuar com nossas insinceridades, repaginar aquilo com que não concordamos e viver felizes somente com o parcial, com aquilo que aceitamos, parece mais uma

hipocrisia disfarçada de liberdade.

Minhas certezas acerca de mim, daquilo em que acreditava e não acreditava não eram verdades. Minhas razões eram falhas, mutáveis e egoístas, pois tinham raízes na areia, e o vento as empurrava de um lado para o outro. Se eu não tivesse submetido minhas certezas ao erro, ao engano, estaria até agora invalidando a Palavra de Deus e considerando-o um mentiroso. Afinal, alguém está enganado.

Minha impostora interna tinha medo da desaprovação de Deus. Minha impostora externa não ligava a mínima para Deus. Contudo, ser aprovada por Ele era um desejo do meu espírito, que gemia e ansiava pelo relacionamento e pelo amor de Deus. Era algo que transcendia meu corpo fajuto, rugoso e perecível. Era algo inexplicável, incomparável, legítimo.

A mulher covarde que vivia em mim dissimulava o tempo todo e para todos que não entedia a conversa de Deus sobre Jesus ou qualquer assunto ligado a Eles. Para mim, Deus, Jesus, igreja, religião, dogmas, oração, batata-doce e amendoim torrado estavam no mesmo pacote. Eu fantasiava para os outros e para o próprio Deus que não tinha instrução nenhuma da parte dele a respeito dos meus relacionamentos *gays*. Fazia isso para me proteger. Não queria ceder, não queria admitir nem trazer à luz minha desordem, minha interrogação. Queria mesmo deixar esse assunto de lado e continuar acreditando que meus relacionamentos eram abençoados por Deus, mesmo Ele demonstrando o desagrado em sua Palavra.

Decidi posicionar minha fé, acreditar que a morte de Jesus na cruz foi por mim e experimentar a liberdade que há somente no seu amor.

Simon Tugwell fala em seu livro *The Beatitudes* (As bem-aventuranças 1980):

“Ou fugimos da nossa realidade, ou forjamos um falso eu na maioria das vezes admirável, suavemente cativante e superficialmente feliz.

Por trás de uma espécie de aparência que esperamos que se mostre mais agradável ocultamos o que sabemos ser ou sentimos ser (aquilo que imaginamos ser inaceitável e desagradável).

Ocultamo-nos por trás de rostos bonitinhos, que vestimos em benefício do

nosso público. E com o tempo podemos até esquecer que estamos nos escondendo, começamos a pensar que o rostinho bonito que assumimos é como realmente somos percebidos.”

Eu, que não conseguia resistir a uma taça de pudim, conseguiria resistir a impulsos sexuais tão fortes e desejos tão profundos? Muitas vezes quis fazer a vontade de Deus, mas pensei ter que dispensar uma força gigantesca para que essa mudança ocorresse. Então não dediquei esforço algum? Claro que sim, mas incomparável ao sangue derramado por mim na cruz. Jesus pediu que eu colocasse diante dele as minhas fraquezas e reconhecesse que sozinha não conseguiria nada.

Em 2 Coríntios 12.9 está escrito: *Minha graça é suficiente para você, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza*. Jesus pede que reconheçamos que somos fracos e que precisamos dele. Então, em nossa fraqueza, ele será nossa força e nos transformará.

Fiquei nua diante do Senhor.

Nua.

Sem argumentos, sem conversações. Sem opções, sem planos.

Sem nenhuma expectativa com relação a mim.

Nenhuma.

Fiquei cheia de expectativas nele.

Transbordei.

Isso é uma escolha.

Capítulo 13

Experimente

Por um minuto, desligue o filtro. Sinta, experimente quem Ele é. *Jesus*. No livro *Experimentar Deus*, Leonardo Boff diz:

“Para encontrarmos o Deus vivo e verdadeiro a quem podemos entregar o coração, precisamos negar aquele Deus construído pelo imaginário religioso e aprisionado nas malhas das doutrinas. Depois de termos mergulhado em Deus e de tê-lo sentido nascendo de dentro de nosso coração, poderemos, livremente, reassumir o imaginário e as doutrinas. Elas se despem de sua pretensão de definir Deus e se transfiguram em metáforas com as quais nos acercamos do Mistério para não sermos queimados por ele.

Embora sem nome adequado, Deus arde em nosso coração e ilumina nossa vida. Então não precisamos mais crer em Deus. Simplesmente sabemos dele porque o experimentamos.”

Deus se torna real para nós quando podemos experimentá-lo, e isso vai muito além do que podemos ver ouvir, tocar; do contrário, seria privilégio de alguns. Experimentá-lo transcende nossos sentidos naturais, ultrapassa nossas expectativas humanas e nos mostra a verdadeira profundidade da vida. Não entendemos como podemos senti-lo, mas, quando isso acontece, vivemos algo nele que dá sentido a todas as coisas.

Quando experimentamos Jesus, sentimos o ilimitado, o eterno, e conseguimos ver nossa brevidade, nossa limitação. Ficamos imersos em algo que é infinitamente maior que nós e que nos abraça, nos envolve, nos absorve, nos protege e nos faz sentir amados para sempre.

De Jesus, experimentei sua fragrância, sua beleza, sua suavidade, sua

delicadeza como do Lírio dos Vales.

Experimentei sua perfeição, sua exuberância, seu bom e doce perfume, seu brilho eterno como da Rosa de Sarom.

Experimentei a irresistível atração, a contemplação da sua luz, luz que me trouxe esperança em meio às trevas, luz que iluminou meu caminho, luz da Estrela da Manhã.

Experimentei a paz que derrubou o muro do desespero, o mediador da minha reconciliação com Deus, que trouxe paz a minha vida. Experimentei o Príncipe da Paz.

Experimentei o amigo, o irmão, o guia mais seguro, no qual não há decepções, um companheiro que prometeu estar comigo para sempre. Conheci o Emanuel, o Deus conosco.

Quando experimentei Jesus, experimentei o amor, o perdão, a alegria, a felicidade, a compaixão, a honra, o companheiro fiel, o noivo, o bom pastor, a luz do mundo, a videira verdadeira, o santo de Israel, o protetor, o conselheiro.

Experimentei a humildade, a generosidade, a reconciliação, a compreensão, a disposição, a imparcialidade, a confiança, a estrada certa, a liberdade.

Experimentei a expressão, a marca, a profundidade, a largura, o comprimento do amor.

Experimentei a misericórdia, a satisfação, o prazer, a entrega total, a força, a coragem a ousadia.

Todos os sentidos de todas essas doces palavras tiveram fundamento quando experimentei Jesus.

Experimentei o valor: o valor que eu tinha, o valor que o mundo não via, o valor que eu não admitia por pura hipocrisia.

Experimentei acreditar que a morte devolveu Jesus à vida, pois não suportou sua presença pura e sem pecados.

Experimentei acreditar que nele nada resiste sem transformar-se.

Nele vi a morte tornar-se em vida, a dor em alegria e as trevas em luz. Vi a cadeia tornar-se em escolha, as aflições em paz e o passageiro em eterno. Porque tudo isso não é dado àqueles que sabem da existência de Jesus, mas é

desfrutado pelos que vivem imersos nele.

Somos uma caverna de desejos, em todos os instantes, em todas as áreas. Somos insaciáveis, devoradores. Só nos saciamos com Jesus, mesmo sem saber. Podemos buscar nos parceiros sexuais, nas amizades, nos empregos, nas igrejas, nas viagens, nos carros, na moda, nas comidas, nos filhos, nas promoções, mas o profundo contentamento e a única satisfação serão em Cristo. Ele é a fonte. O resto são pingos. Ele é a estabilidade da alegria. O resto é distração.

*Experimentei sair da desesperança para as expectativas
Das crises para a fonte da vida
Dos braços mornos para o colo eterno
Dos sussurros e gemidos para o sangue da cruz
Das promessas para a adoção do Pai
Das pessoas inconstantes para os filhos perdoados
Das multidões sem destino para o único caminho
Das interrogações indecisas para a verdade vivida
Dos traumas para a lucidez
Dos julgamentos para o autoexame
Da posição de sequestrada para o chamado de resgatadora
Da menina não amada para a filha que, pela cruz, foi comprada.
Eu experimentei Jesus.
E você? O que tem experimentado?*

 @editora_centralgospel

 Central Gospel

 Edcentralgospel



Editora Central Gospel Ltda.
Estrada do Guerengue, 1851 — Taquara
CEP: 22713-001 / Rio de Janeiro – RJ
Tel. (21) 2187-7000
www.editoracentralgospel.com



Editora Central Gospel Ltda

Estrada do Guerenguê, 1851 – Taquara

Cep: 22.713-001

Rio de Janeiro – RJ

TEL: (21) 2187-7000

www.editoracentralgospel.com

CLAUDIO DUARTE



Sexualidade sem censura

Duarte, Claudio

9788576895800

128 páginas

[Compre agora e leia](#)

Sexo! Este assunto tão delicado no meio cristão é abordado de forma simples e descomplicada pelo Pr. Claudio Duarte, que, de maneira bem descontraída, aponta tópicos importantes sobre a motivação e a liberdade no ato sexual. Além disso, esclarece dúvidas corriqueiras em relação ao certo e errado na intimidade do casal. Prepare-se para ser abençoado em seu casamento com muita alegria e bom humor!

[Compre agora e leia](#)



O que você é determina a sua história

Malafaia, Silas

9788576895831

64 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ao longo da bíblia percebemos que a questão entre justos e ímpios é constante. A palavra de Deus sempre enfatizou estas duas classes de pessoas. Existe, porém, uma diferença fundamental entre elas: enquanto um grupo serve a Deus, as pessoas do outro grupo vivem como "ateus práticos" agindo como se Deus não existisse. Em "O Que Você é Determina Sua História" o Pastor Silas Malafaia usa como base o salmo 92 para responder questões e analisar temas como: O que é temer ao senhor.

[Compre agora e leia](#)



O poder da decisão

Malafaia, Silas

9788576895824

64 páginas

[Compre agora e leia](#)

Já parou para pensar sobre as mudanças que ocorrem na vida de todos nós por causa de certas decisões que tomamos (ou deixamos de tomar na hora apropriada)? São inúmeras as decisões com que nos deparamos em nosso cotidiano. Algumas são simples; outras porém, são mais difíceis, como a escolha de uma profissão, do cônjuge, uma mudança de cidade ou país. Neste livro, você será conscientizado sobre o poder que cada ser humano tem de decidir quem será e com o que quer comprometer-se.

[Compre agora e leia](#)



Famílias em perigo

Lobo, Marisa

9788576895992

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Vivenciamos a maior ditadura sexual de todos os tempos, com contornos de subversão. A heterossexualidade tem sido violentamente atacada em sua normalidade, acusada de ser apenas uma conduta dentro de uma sociedade machista, sexista, opressora, de maioria cristã. O que é normal passou a ser "anormal". A ordem é subverter qualquer conceito tradicional judaico-cristão, como se fosse possível navegar na vida sem os valores éticos e familiares construídos ao longo dos séculos. Um fator agravante é que muitos cristãos estão ausentes dessa discussão, negando-se a enxergar o grande golpe social que estão vivendo. Somos pressionados por uma militância ideológica política de gêneros que cria resoluções, decretos e leis que cerceiam o direito constitucional do cidadão, em nome de uma luta em prol das minorias sexuais, destruindo todo pensamento que possa favorecer a família tradicional, a heterossexualidade como algo natural do ser humano. Neste livro, a doutora Marisa Lobo apresenta seus conhecimentos com base em seus estudos acerca da ideologia de gênero, para que você possa identificar que, ao longo da história da humanidade, muitos "pseudointelectuais" se levantaram de maneira maquiavélica e diabólica, coordenando ações práticas na vida social, com o intuito de deixar a população em dúvida sobre a naturalidade da sua heterossexualidade.

[Compre agora e leia](#)

GILMAR VIEIRA CHAVES

SENTIMENTOS QUE APRISIONAM A ALMA



Sentimentos que aprisionam a alma

Chaves, Gilmar

9788576895466

138 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este livro apresenta um conjunto de 13 vícios e males que atormentam a vida do homem e de seus pares. A partir da leitura dos capítulos, você entenderá a origem, as manifestações e os traços característicos de males comuns a todos, porém, nem sempre admitidos por quem os manifesta. Você aprenderá também sobre como identificar e superar estes distúrbios, que trazem tanta dor e prejuízos à pessoa individualmente e, em geral, aos seus relacionamentos. Assuntos abordados, na ordem em que aparecem no livro: Orgulho, Ira, Estresse, Depressão, Angústia, Ansiedade, Culpa, Luxúria, Cobiça, Medo, Ciúme e Inveja.

[Compre agora e leia](#)

Índice

Direitos autorais	Página	4
Sumário		6
Apresentação		7
Capítulo 1 – A descoberta		8
Capítulo 2 – Os distraídos não se atraem		13
Capítulo 3 – Para disfarçar a falta		24
Capítulo 4 – O que você me desperta?		32
Capítulo 5 – Cansey		38
Capítulo 6 – Por qual porta entrei? Deve haver uma saída...		41
Capítulo 7 – Meu orgulho		49
Capítulo 8 – Da rejeição à autorrejeição		53
Capítulo 9 – Um amor que não quer me levar pra cama		66
Capítulo 10 – A oportunidade de crer e a liberdade de não crer		76
Capítulo 11 – Ele venceu. Ele sempre vence		83
Capítulo 12 – Ilusões de uma vida alienada		89
Capítulo 13 – Experimente		103